

A greve dos  
servidores  
em Brasília  
(Pag. 9)

# Campus

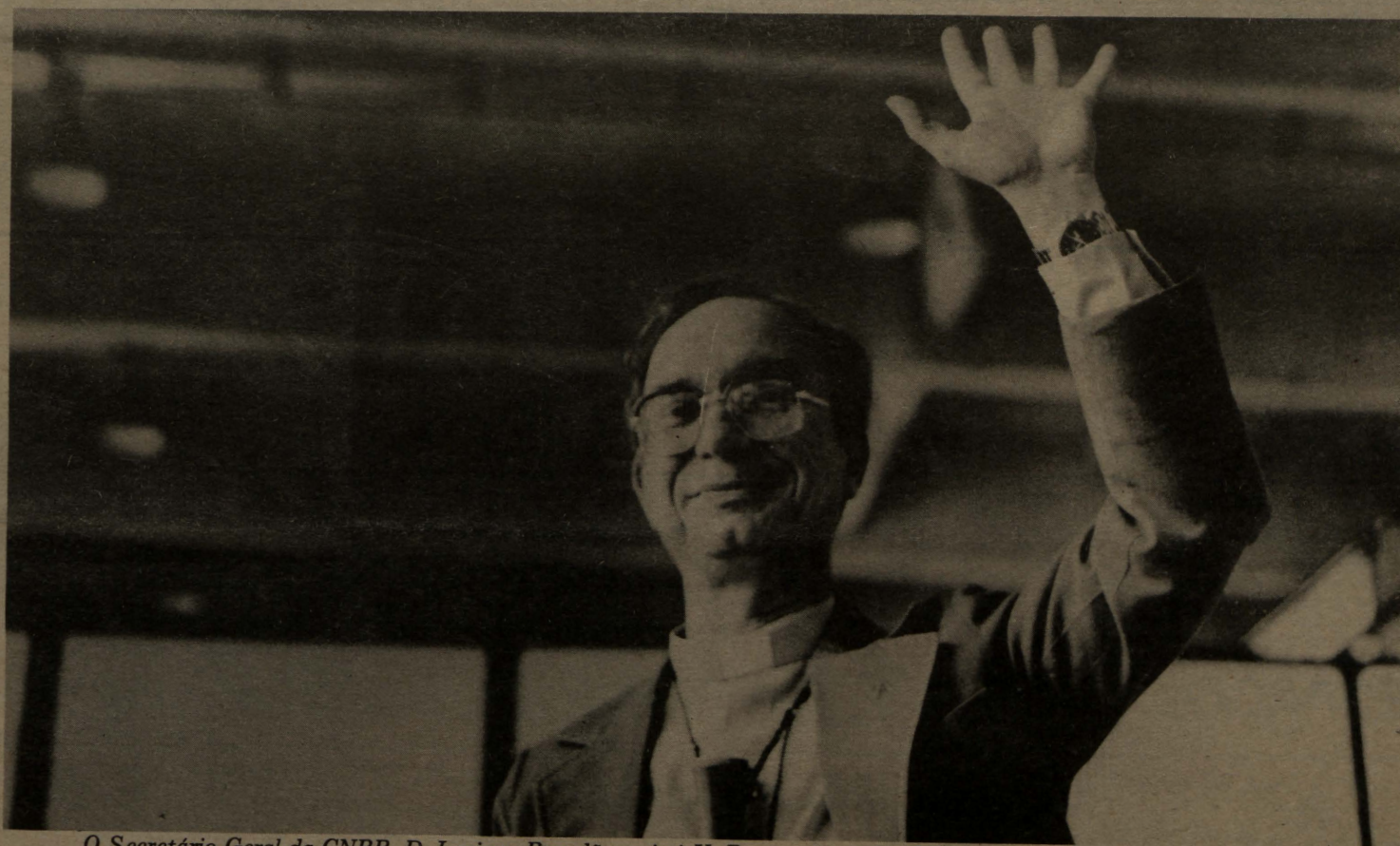
Jornal do Departamento de  
Comunicação da UnB

Nº 52 Primeira  
Quinzena Julho 83

Biologia  
preserva  
macacos  
(Pag. 11)

## “Comunicação deve servir ao povo”

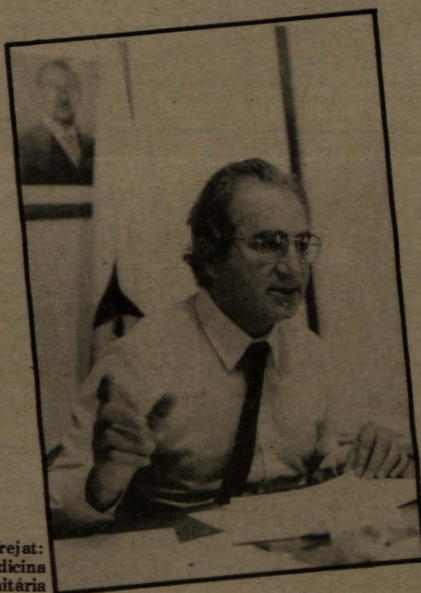
A Igreja defende uma  
comunicação sem o bloqueio  
dos grupos econômicos



O Secretário Geral da CNBB, D. Luciano Brandão, veio à UnB e propôs uma redefinição do nosso sistema de comunicação

“Maquete” quer  
sair do limbo:  
a arte resolve

(Pag. 4)



Jofran Frejat:  
por uma Medicina  
Comunitária

Ensino à  
distância: falta  
uma discussão

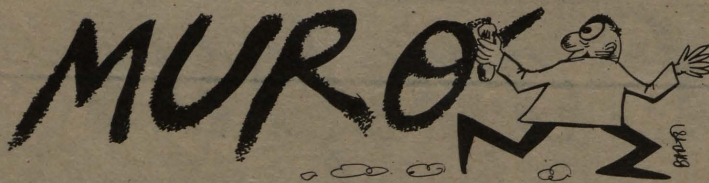
(Pag. 3)

Pompeu defende  
censura contra  
“enlatados”

(Pag. 10)

Brasília vai  
bem de saúde?  
Secretário responde

(Pag. 5)



## Índio sequestra avião e... Ó!

O povo brasileiro apanha muito, mas acaba aprendendo como se defender. Na xoxa (não confundir com xuxa) edição do **Correio Brasileiro** de segunda-feira, 27, uma matéria relatava a obstinada vontade dos índios, Kajabi, do Xingu, em manter preso um avião Cessna 182, de propriedade particular. O **Correio** não diz quem é o dono.

Eles só devolvem o avião se forem demitidos quatro coroneis da FUNAI. Suspeitam de que esta, e mais três aeronaves, tenham pousado na reserva no intuito de pesquisar a existência de minérios. Diante do quadro, a FUNAI chegou a pensar numa espetacular operação resgate, com um avião Búfalo recheado de para-quedistas. A direção do órgão, porém, está hesitante. Numa total falta de imaginação, liberou 2 milhões de cruzeiros para ganhar silvícolas, concedendo-lhes uma porção de brindes. Eles não aceitaram e agora, pelo visto, a FUNAI está num matão sem cachorro; e com muitos índios em volta. (Nelson Luiz, Campus)

## Não falta sabão. Falta vergonha

"Diz pra sua amiga que não é falta de vassoura nem de sabão!" Foi assim que uma funcionária da limpeza mandou um recado para a redação do **Campus**, respondendo a uma matéria que saiu no número an-

terior a respeito do ardido mau cheiro exalado de fonte misteriosa e que invade o Minhocão lá pelos lados dos laboratórios, tanto no subsolo quanto no térreo. Segundo a funcionária, é falta de sanitários mesmo. "Nos fins de semana, quando os laboratórios estão fechados, o pessoal não tem paciência de sair pelo Minhocão procurando um banheiro e o resultado é esse aí". Se no térreo um sanitário é difícil de achar, no subsolo é impossível. Mas nunca é tarde demais para se corrigir um erro. (Sheila Perru - Campus)

## Meteram a mão na Comunicação

Imagine um jogo de futebol, no campo do adversário, com toda a torcida contra, com um juiz tirado não se sabe de onde, e com bandeirinhas que entram no decorrer da partida para ajudar seu time na falta de um jogador. Isso, sem contar a grande ajuda que eles já dão quando estão "apenas" bandeirando (?). Imagine, também, que o campeonato foi organizado por esse mesmo time e que os mesários e os componentes de um "tribunal" que julga possíveis recursos pertencem à mesma organização. Não imagine tanto. Isto não é um filme de ficção. Nem música do John Lennon. E qualquer semelhança com o time da Educação Física não é mera coincidência. Aconteceu realmente, em partida válida pelo JIUnB's, quando o (corajoso

time da Comunicação caiu, por incrível falta de sorte, na mesma chave dos times "I" e "II" da Educação Física. E foi num desses jogos entre a Comunicação e a Educação Física I, que o bandeira amarela, Alex Japiassu, depois de "bandeirar" todo o primeiro tempo, substituiu o jogador Ricardo Avelar do seu time da Educação Física. E o juiz não viu nada! E a mesa disse que não tinha nada contra! A Comunicação, é claro, entrou com o recurso. Mas, imagine quem ia julgar? Pois é: os mesmos. E o resultado considerou o pedido improcedente. Para quem? (James Gama)

## A crise agora é semântica

O ilustre ministro gordinho de óculos (aquele da Seplan), tem enfrentado uma verdadeira crise semântica. Constantemente muda o seu vocabulário pra ver se o povo engole melhor suas falcatruas. Faz quase dois anos, quando ainda se alimentava o sonho de "pagar" a dívida externa que andava aí pela casa dos 50 bi (de dólares, claro!) o todo poderoso planejador declarou em cadeia nacional, horário nobre, pela TV Plim Plim, que pagá-la não era importante, o importante era "administrar". Atualmente, talvez em decorrência do caos (não Cals), parece ter ficado impossível sustentar uma palavra tão comprometidora.

(Paulenir Constâncio, Campus)

## Até o Delfim critica o Delfim

E tem outra de Delfim. No último dia 9, o ministro afirmou em entrevista à Rede Globo que o país precisa de uma política salarial mais inteligente. Ora, então a atual é burra? Concor damos inteiramente com o senhor Ministro. Constatada a burrice da atual política, o Ministro, do alto de sua sapiência, poderia tomar providências: deveria tomar da pena e baixar seu jamegão num documento que instituisse aumentos mensais para os trabalhadores. Viva a inteligência! (Ilara Viotti - Campus)

## Cineastas calam na hora de falar

O silêncio é total em torno do caso das carteirinhas de estudante e empresas distribuidoras e cineastas. Depois do discurso demagógico de nossos cineólogos "em nome do cinema nacional", ficou a certeza de que o movimento dos estudantes caiu no vazio. Será que a medida realmente salvou o cinema nacional? (pelo menos às quartas-feiras?). Sei não; só que enquanto isto, por debaixo da polêmica (levantada quem sabe com esta finalidade) as três grandes produtoras e distribuidoras internacionais fizeram passar na nossa justiça uma liminar em defesa do cinema deles (todo mundo é protectionista). Em São Paulo só que desta vez eu não vi nenhum dos Jovens da vida ir à TV, ao rádio e à imprensa, botar a boca no trombone com a virulência com que foram contra o movimento dos estudantes. (Paulenir, Campus)

## Tá como nunca a situação do NE

"Barba, barba, barbeiro/barbeirinho chupador/ foi só cair na água que o bichinho se afogou". Esse versinho tem sido cantado por milhares de brasileiros todas as terças-feiras, quando a nordestina e seu filho Renan aparecem no programa **Viva o Gordo**. Apesar de engraçado o quadro "tá como nunca". A situação está preta para o Nordeste. São mais de quatro anos de seca. E o que é pior, conforme informou o bravo guerreiro Teotônio Vilela, em recente debate nesta universidade "No sertão nordestino era comum se passar e ver ao longo da estrada, ossadas de animais que morreram por causa da seca. Hoje é comum passar e ver ossadas humanas que morreram à procura de água e comida". A única solução é fazer como a nordestina do programa, com dez filhos — nove governadores e agora o presidente — esperar que o "onzinho" lhe ajude (James Gama)

## Stroessner: um bom desportista

Tornar o ditador Stroessner um grande estadista. Eis o que conseguiu o **Correio Brasileiro** no último domingo, 26. O matutino não se preocupou, sequer em retirar do press release, enviado pela Federação Internacional de Futebol de Salão — FIFUSA —, os clichês característicos. A entidade maior do salomismo mundial conseguiu, na segunda tentativa, avistar-se com o presidente paraguaio.

Segundo o presidente da FIFUSA, os dois bateram um "demorado papo de duas horas". Sinal que eles não têm nada o que fazer e que o **Correio** está com falta de assunto. (Nelson Luiz)

# ESPAÇO

Está em estudo por uma comissão interministerial, a proposta do jornalista e membro do Conselho Superior de Censura Pompeu de Souza, que visa a controlar a entrada de filmes estrangeiros no mercado brasileiro. O projeto daria ao CSC poderes para uma prévia seleção do material dando mais espaço para a produção nacional, num contraponto ao mandato imprudente das produtoras internacionais e que diminui o tempo mínimo necessário para a exibição de filmes nacionais no mercado interno.

Numa época de crise, esse projeto se torna necessário não apenas como paliativo econômico, mas especialmente em termos políticos, em contrapartida à enxurrada diária de enlatados na TV e filmes estrangeiros de produção barata e facilmente digeríveis, numa desleal concorrência com a frágil produção nacional.

Não é preciso comentar os benefícios que o projeto daria na indústria nacional do setor. Afinal, o processo espoliante a que estamos submetidos na área cultural no geral, e na esfera de cinema em particular nos tornou como que passivos frente à massa cultural importada. Isso sem

## Defesa do filme nacional traz o perigo da censura

Maria Luisa \*

se falar na censura, que estagnou por algum tempo nossa produção de cinema abrindo espaço especialmente para "pornochanchadas" e filmes de baixo teor cultural, de produção mais barata. Tudo isso nos tornou ainda mais dependentes da produção estrangeira, e com o senso crítico cada vez menos aguçado. Um bom exemplo disso é o nível de qualidade dos filmes brasileiros atualmente. Filmes com nudez total, cenas de sexo e sem nenhuma mensagem mais importante, tomam o espaço das salas exibidoras por muito tempo, dando, margem para cobrir o tempo mínimo necessário que o que a sala tem para mostrar a produção nacional, com um relativo sucesso de público. Enquanto isso, filmes excelentes ficam à espera de financiamento, e quando conseguem entrar em exibição ficam uma semana em

cartaz por absoluta falta de público.

O caso talvez fosse, mais do que apenas selecionar os filmes estrangeiros, mas sim reeducar o povo brasileiro a começar a gostar de suas coisas, o que aumentaria o número dessas produções de melhor qualidade. Isso poderia fazer com que a Embrafilme olhasse com mais benevolência para a produção nacional e financiasse filmes de novos talentos brasileiros para trazer de volta a intelectualidade brasileira reprimida desde 1964.

Mas o que realmente preocupa é colocar mais esta arma nas mãos do poder central, a censura. Sim, porque o projeto aprovado daria plenos poderes ao Conselho Superior de Censura que, liberal ou não faz parte desse poder e está a ele subordinado. Não podemos nos esquecer que esse mesmo Conselho

de Pompeu de Souza não conseguiu aprovar a exibição do filme "Pra Frente Brasil" de Roberto de Farias, e o reteve por vários meses, e só o liberou com a condição de se colocar no fim do filme a legenda: Esta é apenas uma obra de ficção. Isso demonstra que o conselho, por mais liberal que pretenda ser está subordinado ao Ministro Abi-Ackel, que não esconde sofrer pressão de vários setores da sociedade, e muito mais da sua formação de Tradicional Família Mineira.

O que estamos abordando nessa edição é exatamente esta questão da censura, sua implicação na cultura brasileira e que consequências trouxe a essa cultura, com isso podemos questionar se é válido ou não para o nosso cinema selecionar o material estrangeiro que entra no país, será que poderemos nos garantir com a incipiente produção nacional? Além do projeto falamos do Conselho Superior de Censura e um histórico e sua atuação até agora de "descensurar" nossa cultura.

(\*) Maria Luisa é editora de Cultura do Campus

# Campus

Editor-Chefe: Prof. Murilo Cesar Ramos.  
Chefe de Reportagem: Prof. Carlos Augusto Setti.  
Editoria de Fotografia: Prof.<sup>a</sup> Luiza Venturelli.  
Editores: Nelson Luiz (UnB), Eugênia Maria (Comunidade), James Gama (Nacional), James Allen (Internacional e Ciência), Maria Luiza (Cultura), Sandra Tibana (Fotografia).

Redação: Cristina Gutemberg, Humberto Martins, Idelson Alan, Ieda Prestes, Ilara Viotti, Jânio Carlos, Luciene Rosa de Assis, Luiz Roberto Nader, Luiza Modesto, Marcelo Vieira, Marcelo Villares Coelho, Márcia Suyene, Paulenir Constâncio, Pedro Sérgio Coe, Rosalina Machado, Sandra Fernandes, Sheila Perru, William Santiago.

Diagramação: Ailton Maia/JBR. Supervisão: Prof. Milton Ribeiro.

Redação: Departamento de Comunicação/Universidade de Brasília — UnB 70910 — Brasília, DF. Telefone: 272-0000/Ramal: 2463.

# Ensino à Distância: a escalada para a Open

Na manhã do último dia 9 o Decanato de Extensão da UnB esteve bastante movimentado. O vai-vém das pessoas indicava a disposição da Reitoria para atingir as metas do seu programa de ensino à distância. A publicação de cursos através de jornais — O Globo, Jornal de Brasília, Jornal da Tarde, Zero Hora de Porto Alegre, O Povo e O Diário do Nordeste, de Fortaleza; A Tarde, da Bahia; O Fluminense, de Niterói; A Crítica, de Manaus e o Correio Braziliense — é uma de suas pontas.

A outra é o ensino por fascículos, cursos de um semestre com aproveitamento de material da Open University inglesa "em alguns casos", de acordo com Edson Cabral, responsável pela publicação do material para os jornais. Os fascículos são remetidos mensalmente aos alunos, que se reúnem, também mensalmente, com tutores contratados pela universidade.

Pelos fascículos são oferecidos cursos de Introdução à Ciência Política, Pensamento Político Brasileiro e Relações Internacionais. Pela imprensa seguem aulas de conhecimentos gerais sobre política, economia, Língua Portuguesa e Artes. O Jornal de Brasília, primeiro a publicá-los, no ano passado, veiculou também um suplemento semanal — Gazeta — com "cultura universitária para o povo", informou Cabral.

## UNIVERSIDADE ABERTA

O objetivo maior é a concretização da Universidade Aberta, invenção dos ingleses, entusiasticamente encampada pelo reitor José Carlos Azevedo. Antes que muitos tivessem despertado naquela manhã, Azevedo já havia dado entrevista ao Bom Dia Brasil, programa matutino da Rede Globo, falando de seus planos. E Edson Cabral informou que neles se inclui a previsão de que o ensino à distância da UnB deverá atingir, até o final do ano, a marca de cinquenta mil alunos. Atualmente eles são quinze mil.

Como disse, no entanto, a professora Helene Barros, da Faculdade de Educação, "não há consenso em torno do assunto na UnB pois não houve discussão à respeito". Disse mais "Temos ouvido mais opiniões contra que a favor". "Críticas são apenas hipóteses, diz Cabral. "Se você aplicar pura e simplesmente, sem considerar a realidade local, não daria certo. Dizer que é impossível é apenas opinião e não uma observação".

Por enquanto a UnB só oferece cursos de extensão. Segundo Cabral, a Open inglesa funciona há 12 anos e a formação se dá até a nível de PHD. "A expansão exigiria mudanças na legislação, fora do alcance da UnB, apesar de já estar consagrada em outros países". Diz ele que na Inglaterra o índice de aprovação é maior que nos cursos regulares. A UnB quer ir mais longe. Produzir programas para a televisão, por meio de cassetes. Mas isso ainda não saiu dos planos.

## ELITISMO

Helene Barros tem um outro posicionamento. Esse tipo de projeção para o futuro poderia até ser válido, mas em outros países

que já têm o essencial em educação. No contexto brasileiro "ele perde todo o sentido". Helene se apoia no Terceiro Plano Setorial de Educação e Cultura, do MEC, que prioriza o ensino básico na periferia urbana e rural.

Segundo Edson Cabral, "a administração está interessada em atender uma demanda grande que existe". Já Helene Barros se pergunta qual o grupo de pessoas ela irá atender e em detrimento de que parcela da população. "Será que a Universidade Aberta não é uma forma de perpetuar o elitismo na educação brasileira, mas de uma forma discreta?"

A professora se apoia, dessa vez, em dados do IBGE, para dizer que no Brasil existem ainda 16,9 milhões de pessoas acima dos quinze anos que não sabem ler e escrever. "Eu duvido que hoje o MEC opte por essa modalidade de ensino". Helene Barros não fala à toa. Formada em Planejamento da Educação pela universidade americana de Harvard, ela tem uma larga experiência com educação não formal, principalmente em países do terceiro mundo.

## APRENDIZADO

Ela considera que esse modelo de ensino "personaliza e individualiza a tal ponto o ensino e aprendizagem se torna um mero ato mecanicista de aprender conteúdos". Helene pensa que só a discussão, o confronto com o outro enriquecem substancialmente o aprendizado. Ou seja, é preciso que você conheça outras formas de conhecimento para aperfeiçoar a sua.

Helene acha que "material tem um impacto grande, pois não há uma relativização com o outro". Isso ocorre, segundo ela, porque o papel do tutor não é o de discutir, mas de fazer com que o aluno "absorva totalmente o conteúdo".

## GASTOS

Isso não é tudo. Um projeto como esse demanda dinheiro. Edson Cabral disse, entretanto, que é gasto muito pouco com o ensino à distância. "Não houve acréscimo de pessoas para desenvolvê-lo. Aproveitou-se o corpo docente e os funcionários da Editora".

Cabral declarou, também, que a impressão dos fascículos é totalmente coberta com a sua venda e que os jornais não cobram a publicação dos cursos. Ele acrescenta que "há poanos dos jornais para conseguir apoio publicitário e a UnB poderia até facilitar isso mas nunca ocorreu". Ele acha que abre uma oportunidade de faturamento dos jornais, mas "a UnB não tem nada com isso".

"Não há destinação específica de verbas. Elas são remanejadas e eventuais", disse Cabral. Acrescentou que "o dinheiro de inscrições não cobre nada, mas que a UnB tem um ônus relativamente pequeno". Helene Barros pensa que "é um desperdício de esforços e recursos, enquanto a hora é de exigir concentração para os problemas essenciais". Ela reclamou que "a comunidade acadêmica não foi chamada, em primeiro lugar a conhecer, e em segundo a optar". (Nelson Luiz)



A UnB põe toda a força no seu programa de ensino à distância. O reitor Azevedo quer ter, até o final do ano, 50 mil pessoas estudando através de fascículos e pelos jornais. Será esta a democratização do ensino?

## Em 16 mm, uma análise da UnB

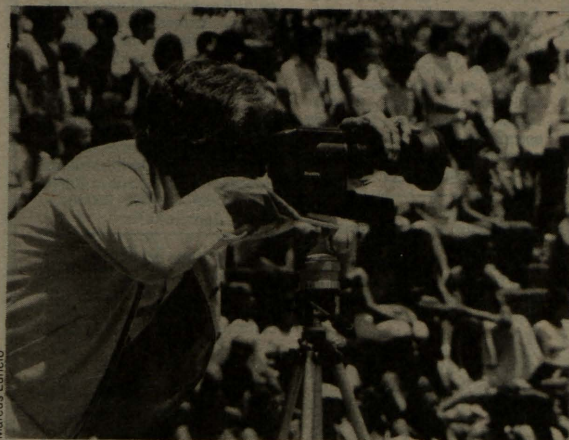
A UnB, sua proposta inicial de ser uma universidade voltada para a comunidade e, após 1964, o afastamento dessas metas, é objeto de um filme realizado pelo cineasta e professor do Departamento de Física, José de Lima Acioli. Zé Acioli traça um perfil histórico da UnB, centrando seu filme na greve geral dos estudantes no ano passado.

A greve, segundo o cineasta, teve sua raiz em problemas não imediatos, mas foi fruto de uma insatisfação latente que, com a atual abertura política, veio à tona. "A Universidade transformou-se numa barafunda, com uma estrutura política que não permite aos alunos e professores maior participação". Essa foi, segundo Acioli, a causa da greve, que eclodiu na Faculdade de Ciências da Saúde. Os alunos de Medicina reivindicavam mais vagas para os residentes nos hospitais da rede hospitalar.

## O FILME

Acioli parte do problema específico da Medicina que culmina na paralisação de 1982, e justifica: "Por problemas técnicos, eu não podia fazer uma coisa muito abrangente, sob pena de perder o sentido geral". Mas antes de ser um filme casuístico e superficial, José Acioli fez um roteiro completo e denso e perfeito.

Começando o filme (Open University: Universidade Fechada, Brasil, 1983) antes mesmo da construção da Universidade, quando os operários ignoram o que seja "universidade pro povo", passando pelos principais momentos da universidade, como as grandes crises de 1965 e 68, a invasão de 77, a criação da ADUnB, etc. — e indo até depois da greve, com duas jardineiras comentando o fim do movimento, o professor de física engloba um período de 20 anos da história da UnB — praticamente sua vida.



Acioli disparando a sua máquina no projeto "Open University"

Os operários do início, e as jardineiras no final lacônico ("e porque é que foi mesmo essa greve, co-madre?"). "Sei não. Isso é coisa desses doutos aí" deixam nitido que o povo sempre esteve distante da Universidade e a proposta inicial nunca foi alcançada.

## A PROPOSTA

A proposta inicial da Universidade de Brasília tinha três pontos básicos: estudar e propor soluções para os problemas da sociedade brasileira ("... expressando assim o compromisso de vincular a Universidade à busca de soluções para os problemas nacionais", Darcy Ribeiro, 1961); ser um centro de pesquisas científicas de alto nível e, ao mesmo tempo, voltar-se para os aspectos comunitários (medicina

preventiva, habitação popular, etc.)

A UnB tinha também outras ambições. Sua estrutura de ensino permitia ao estudante descobrir sua vocação dentro da própria universidade. O vestibulando optava por uma área geral de conhecimento, e especificava o curso após fazer o básico que "era, então, estruturado para cumprir esse objetivo".

O professor e cineasta José Acioli, que pretende concluir seu filme ainda este semestre, vem lembrar à comunidade universitária a importância de seu próprio papel, e de repensar e redefinir o seu objetivo que, segundo o cineasta, "deve ser o de patrocinar a melhoria do nível de vida da sociedade brasileira". (Névio Alarcão, da turma de Redação de Jornalismo)

# RESENHA

## Canto

**O TONTO DE TANTO**  
CANTO é um grupo coral formado por 20 pessoas de cursos e atividades diversas. Surgiu no começo deste ano com a proposta de levar alegria através da música. O TONTO estréia quinta-feira, dia 30, na concha acústica (atrás do desenho) às 17:30h. Prestígio à arte de Brasília.

## Congresso

A UnB será palco, de 29 de junho a 2 de julho, do **Congresso Por Uma Nova Universidade**. Os delegados (três para os 100 primeiros alunos e mais um para 100 ou fração de 100 subsequentes) serão eleitos em cada departamento, mesmo onde não haja CA. A pauta está dividida em três pontos: "Situação atual da Universidade"; "Propostas para uma nova Universidade"; e "Propostas para a UnB hoje". Este último ponto inclui itens como o regime de ensino e pesquisa; estrutura de poder; regime jurídico e financeiro e vínculo com a comunidade. As propostas referentes à universidade brasileira em geral, aprovadas no Congresso, serão encaminhadas ao Seminário Nacional sobre Reestruturação da Universidade Brasileira, que será realizado em conjunto pela UNE, ANDES e FASUBRA (Federação dos Servidores das Universidades). A abertura do Congresso será às 12:30 horas do dia 29 de junho no Anf. 8 e os debates serão realizados à noite. A participação é aberta a todos os estudantes.

## Estatuto

29 é o último dia para os estudantes da Universidade de Brasília votarem no plebiscito que pretende aprovar o Estatuto do DCE-Livre. O estatuto ampliará o espaço jurídico da entidade, dando, então, maior mobilidade para o diretório. A proposta apresentada pela diretoria regulamenta a estrutura organizacional, os órgãos diretores, a Assembleia Geral, o Conselho de Entidades de Base, a diretoria e as eleições.

## Capas

A CAPES — Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior — do Ministério da Educação e Cultura está oferecendo bolsas de estudo para cursos de pós-graduação no exterior (mestrado, doutorado e especialização), na área de artes (artes plásticas, artes cênicas, dança, música, cinema e fotografia). As bolsas cobrem passagem aérea, seguro-saúde, taxas escolares e mensalidades. As inscrições podem ser feitas até

12 de agosto nas Pró-reitorias de Pesquisa e Pós-graduação, Comissões PICD, delegacias do MEC e CAPES (Ministério da Educação e Cultura — Anexo I).

## Fulbright

A Comissão Fulbright e a CAPES mantêm um programa de especialização da área de artes (artes plásticas, artes cênicas, dança, música, cinema e fotografia) para artistas com talento comprovado desenvolverem estudos em instituições de ensino norte-americanas, a partir de agosto/setembro de 1984. As bolsas cobrem despesas com passagem aérea, seguro-saúde, taxas escolares e mensalidades e têm duração de até dez meses. As inscrições devem ser feitas nos escritórios da USIS, Pró-reitorias de Pesquisa e Pós-graduação, delegacia do MEC, Comissão PICD, CAPES e Comissão Fulbright (Edifício Casa Thomas Jefferson SEP sul W-4-Entrequadra 706/906-70390 Brasília DF).

## Monografia

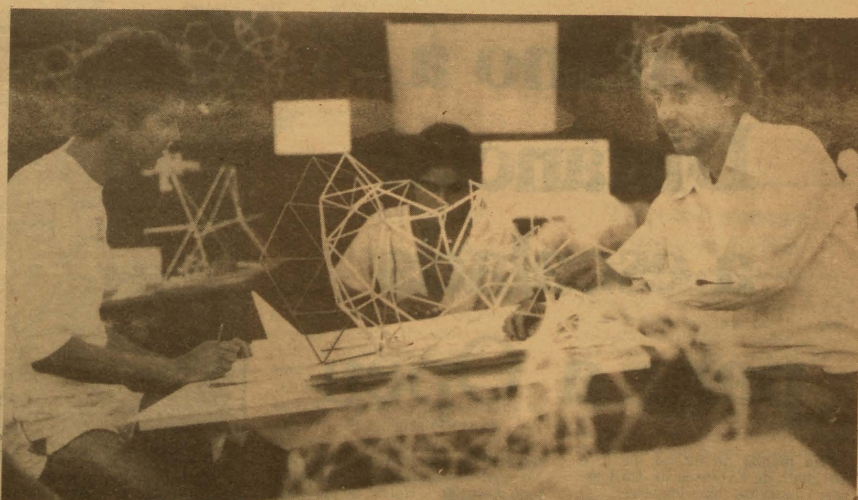
A FUNARTE está promovendo o **Projeto Lúcio Rangel de Monografias 83** com o tema "A influência dos bares cariocas no desenvolvimento da música popular" (Orlando Silva, Wilson Batista e Radamés Gnattali). O projeto é patrocinado pelo Conselho Nacional de Direito Autoral e o prêmio — quatro milhões de cruzeiros — vem do Fundo do Direito Autoral com verbas da utilização de obras de domínio público. Os trabalhos devem ser enviados até 2 de janeiro de 84, para FUNARTE/INM/Divisão de Música Popular — Rua Araújo Porto Alegre, 80 — CEP 20030 — Rio de Janeiro RJ.

## São João

No início de julho tem fogueira de São João e mais calor no coração. Nos dias 1 e 2, o EUREKA promove no colégio Alvorada, 906 norte, às 19 horas, grande festa junina. Brincadeiras, jogos, danças e comidas típicas. Tem forró, quantão e muita... muita animação. Saia de casa. Não fique escondido não. O EUREKA espera por você.

## Semana

O Centro Acadêmico de Ciências Sociais está realizando a "Semana dos Andes", de 27 de junho a 1º de julho. A "Semana" compõe-se de palestras, projeções de slides, exposição fotográfica e música da região. Dia 30 de junho o professor Hamilton Monteiro fala sobre o tema "A América Andina e o Imperialismo: o caso Balma-cera no Chile", às 12:30 hs, no anfiteatro 11.



Orlando Luiz: a arte também descobre soluções para os problemas

# Maquete: mãos à obra em busca de soluções

## Insuficiência de copiadoras provoca filas

"Deve a Universidade permitir a exploração comercial de seus serviços dentro do próprio campus? Não estaria ela deixando de cumprir sua obrigação em detrimento da qualidade desses mesmos serviços?" Esta dúvida, ouvida nos corredores do Minhocão, partiu de um aluno que esperava há mais de 40 minutos pelas fotocópias que solicitara no serviço de reprografia.

De todos os serviços que a UnB repassa a terceiros, por intermédio de contrato, o de fotocópias é, sem dúvida, aquele que suscita as maiores polêmicas. Demora exagerada, má qualidade das cópias, preço alto, e desorganização são as principais queixas feitas pelos usuários. No entanto, a chefe do Serviço de Orientação e Mercado de Trabalho, Rosa Ferreira da Silva, responsável pelos serviços contratados, afirma que "ainda não houve nenhuma falha nesse serviço que justifique a rescisão do contrato". Por sinal, esse contrato, firmado com a firma Filomax Ltda., é por tempo indeterminado e está em vigor desde 1978.

## PROBLEMAS

Nos dois locais onde funciona a reprografia, Minhocão e Biblioteca, existem poucas máquinas e menos funcionários. No Minhocão, "funcionam" três copiadoras, sendo uma para pequenos serviços, mas que raramente dispõe de um operador. Na Biblioteca, a situação é pior, pois existem apenas duas máquinas à disposição, sendo raros os momentos em que funcionam simultaneamente. Assim, o acúmulo de pedidos é constante, ocasionando aquelas tão odiadas esperas. O gerente da firma, Paulo César da Silva, justifica que "essa demora é compreensível no horário de rush, quando ocorre uma grande procura. No entanto, as pessoas esperam aqui o mesmo tempo que na fila do Bandedão". Bastante estranho explicar um erro com outro e querer comparar dois universos tão distintos.

Mas ele promete melhorias no serviço, principalmente quanto à organização. Nesta semana voltam a ser utilizados os recibos de entrega de material, e espera-se que não voltem a ocorrer casos de perda de textos e documentos. (Marcelo Villares Coelho)

Localizada nas proximidades da Colina, em frente ao Departamento de Direito, está a Oficina de Maquete e Protótipos. Um verdadeiro apêndice da UnB, tanto no sentido geográfico quanto no sentido do que acontece na Universidade.

A "Maquete", como é conhecida, abriga as Oficinas de Madeira, Metal, Experimental, Gesso e Argila, oferecendo cursos para o Departamento de Educação Artística e diversos outros, num total de 8 matérias obrigatórias e 16 optativas. Lá trabalham os artistas. "É um espaço mitificado, marginalizado, pelas pessoas que desconhecem o repertório usado nos cursos", diz Orlando Luiz, um dos 6 professores que trabalham na Maquete.

Dessa marginalização a Maquete não está livre, nem da Administração da UnB, que na sua dotação orçamentária reserva muito pouco para suprir as Oficinas de material necessário para seu funcionamento. Apesar de toda boa disposição das pessoas em lidar com o mínimo de material, a quase total falta de recursos já começa a influir nos resultados dos trabalhos. Se os alunos, neste semestre, não tivessem se cotizado para comprar barro, seria impossível ter feito o curso de Argila, diz uma das alunas.

## SOLUÇÕES

Lila, uma das alunas mais interessadas pelo que acontece na Maquete, reconhece que a situação está precária, acha que muita coisa precisa ser reformulada, mas não concorda que as pessoas fiquem paradas por falta de material. "Outro dia passando pela porta do Almoxtarifado, vi um monte de lâmpadas queimadas. Se levássemos tudo aquilo para o Departamento de Química e transformássemos, poderia servir para trabalharmos durante muito tempo". Essa solução, no entanto, se restringe para as pesquisas específicas, no caso lixo e sucata, que vem sendo desenvolvidos por Lila.

A Maquete foi construída há 6 anos atrás, com o material aproveitado do antigo res-

taurante e da antiga maquete, que era localizada onde está hoje a concha acústica. As paredes de madeira estão quase caindo e já receberam inclusive a solidariedade do professor Nonato do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, que propôs uma ação conjunta do seu departamento com os alunos que estiverem cursando matérias na Maquete, para construir as paredes de alvenaria, com ampla iluminação e ventilação, quase inexistentes atualmente.

## INTEGRAÇÃO

O apoio veio em boa hora e só valoriza a Maquete, diz o professor Orlando Luiz, e é o que se busca constantemente. Já existem casos concretos de trabalhos que envolveram outros departamentos e as Oficinas. A construção de sólidos geométricos espaciais foi feita com a colaboração do pessoal do Departamento de Matemática, que cuidou da parte de cálculo. Esse, porém, é um caso isolado, e que partiu da Maquete em direção a outros departamentos. Poderia haver também o caminho inverso. Os vários departamentos da UnB indo buscar na Maquete o que ela pode oferecer: a possibilidade de criar/descobrir/transformar, enfim, descortinar o veu que cobre a criatividade.

"Pensar que só a técnica e a tecnologia podem resolver os problemas do mundo, é o reflexo da mentalidade vigente no nosso País, que vive no momento a tecnocracia, e se esquece que a arte também pode encontrar soluções. Só que ela não é positivista, ela joga no escuro", diz o professor Orlando Luiz.

Uma universidade não pode excluir nem ilhar a arte, como se ela não fizesse parte de todos os campos do conhecimento. A universidade precisa de um local onde não se tenha medo do erro antes que ele aconteça, onde o erro só sirva para ser corrigido e/ou aproveitado como componente de uma nova postura. E aí, nada melhor do que a arte para se exercitar a prática de fazer-fazendo. (Pedro Sérgio Coe)

## Saúde no DF

## Para Frejat, modelo está dando certo

A rede básica de serviços de saúde do Distrito Federal é uma opção às estruturas médico-hospitalares das capitais brasileiras. Adaptada do modelo inglês às características locais, tem dado resultados comprovadamente positivos, o que para alguns é uma tentativa socialista de medicina comunitária. Possibilidade não descartada pelo próprio Secretário de Saúde, Jofran Frejat: "Se é socialista não sei. Só posso dizer que é um modelo que está dando certo. É um projeto simples, fácil de ser implantado nas demais regiões do país".

Tendo por objetivo o equilíbrio do tripé: povo, Estado e classe médica, o plano dá ênfase aos cuidados primários de saúde através da regionalização dos serviços. Assim é que foram construídos 40 Centros de Saúde visando um atendimento de 25 a 30 mil habitantes, distribuídos entre plano piloto e cidades satélites. Estas unidades formam a base de uma pirâmide, que tem no vértice o Hospital de Base, passando pelos Hospitais Regionais (12, Taguatinga, Gama, etc.).

## MUDANÇA DE HABITOS

Nos Centros de Saúde dá-se o atendimento em consultórios de primeiros socorros, clínicas pediátricas, gineco-obstétrica, médica de adultos e odontologia. Deste modo, tenta-se evitar o congestionamento de casos simples para o Hospital de Base e Regionais. Tarefa difícil que requer uma mudança de hábitos da própria população já acostumada a correr de imediato aos hospitais, como reconhece Frejat: "É natural que o paciente procure o hospital. Pois este exerce atrativos maiores: aparelhamento mais sofisticado, variedade de equipamentos. Gera mais segurança. Mas com o tempo este hábito mudará".

Para diminuir a resistência aos centros e educar a população no sentido de acompanhar sua saúde, visitando periodicamente os mesmos, foi criada a figura do agente de saúde, geralmente pessoas de escolaridade de nível médio (com a crise do desemprego, há muitos recém-formados exercendo esta atividade). Trabalham em grupo, exercem funções educativas junto à comunidade.

Como um elo de ligação, o agente de saúde atuará para garantir dinamismo ao Plano de Assistência. Através do seu desempenho se medirá o grau de aceitação do sistema e sua credibilidade perante a comunidade. Esta por sua vez, mostrou-se hostil no início, mas hoje, já reivindica a construção de centros em suas áreas. O que para Frejat é o caminho ideal: "Nós temos que aliar a técnica com os interesses da Comunidade. Deverá haver um Conselho Comunitário formado pelo padre, que já atua nos centros, juntamente com as Associações. Assim a comunidade defenderá seus interesses e exercerá funções fiscalizadoras".

E função fiscalizadora foi exercida pela Comissão de Saúde do Senado recentemente, no Hospital de Base, liderada pelo senador Carlos Chiarelli. E pelo visto os resultados foram satisfatórios, pois para o senador o país estaria muito bem (pelo menos em saúde) se se igualasse ao nível do Distrito Federal.

Atualmente, o Distrito Federal apresenta o índice de mortalidade infantil abaixo do estabelecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS). O que para Frejat é um dado bastante revelador da eficiência do Plano de Assistência à Saúde do Distrito Federal implantado a partir de 1979, com o início de sua gestão: "Eu só posso apresentar estatísticas, pois são elas que medem os resultados. Não há outra maneira de quantificar". (Eugénia Maria).



Marcia Suyene

Jofran Frejat: união da técnica aos interesses da Comunidade



Iara Viotti

Maria José: centros estão desvirtuados do projeto

## Atendimento: adeus às longas filas?

O DF pode não ir bem de saúde, mas vai razoavelmente bem de atendimento médico. Pelo menos é o que declararam quase todas as pessoas entrevistadas, em especial aquelas que enfrentaram as históricas filas da madrugada e as que vêm de regiões menos favorecidas. Aqui, depois da descentralização e do sistema de triagem de pacientes nos centros de saúde, já se pode marcar uma consulta e ser atendido no mesmo dia. Claro, às vezes a espera pode ser demasiadamente longa. "Cheguei aqui às seis e meia da manhã, já é quase meio-dia e ainda não fui atendida", reclama Rosa Pereira dos Santos, doente "dos nervos" e impaciente com a demora no Centro de Saúde nº 01, da Ceilândia. "E sempre a mesma demora, mas antes era pior: tinha fila desde madrugada e a gente só marcava pra daí uns 10, 15 dias", acrescenta Francisca de Paula Lima, que faz acompanhamento cardiológico no Centro.

A demora no atendimento médico estatal não é fato novo. Os usuários reclamam quase sempre do mau atendimento nos guichês e da qualidade dos médicos que os atendem. Sem dúvida, grande parte dos atendentes não tem um bom treinamento de relações públicas, para não citar casos de pura falta de atenção, como o que relata Lindival Mendes dos Reis, vigia da Fundação Educacional. "Não há de ver que marcaram uma consulta para mim, no Gama, para o dia 2 de junho, dia-santo!" Lindival também concorda que as coisas melhoraram, "mas médico bom é de catar no dedo". Com toda a certeza, não é tanto a capacidade profissional do médico que está em julgamento, mas a carência de pessoal. Cristina Mendonça, aluna do 6º semestre de Medicina da UnB e técnica em radiologia no Hospital de Base, afirma que o corpo médico do DF é ainda insuficiente. "No HDB temos que atender não só o pessoal do Plano, mas também a todos os

casos graves das satélites e a muita gente da região geoeconômica do DF, que é atraída pelas enormes facilidades, se comparadas com a carência de suas regiões de origem."

## ATENDIMENTO MASSIFICADO

De fato, nas fichas de recepção dos albergues de migrantes, o tratamento de saúde tem sido a razão majoritária alegada para se mudar para Brasília. A consequência é a briga por vagas para internamento e o atendimento massificado. Provavelmente, com um atendimento mais personalizado no Centro nº 01, da Ceilândia, a doente Iraci Moreira da Cruz, 25 anos, não tivesse passado por todos os percalços de uma gestação atípica e ainda, no fim, tivesse uma criança sem ossos na cabeça, que morreu com três meses. "A minha gravidez foi toda anormal, eu vomitei sangue e tive febre o tempo todo e a médica que fez o meu pré-natal não me levava a sério. Dizia que estava tudo bem. Nem um raio X tiraram e, até hoje, não sei direito o que houve, porque ainda não recebi o resultado dos exames."

Atendimento massificado à parte, restam ainda outros pontos que não são privilégio do DF, mas de todo o Brasil e se relacionam com o nosso subdesenvolvimento. Muitas doenças poderiam ser evitadas, caso não houvesse tão alto nível de desnutrição e existisse uma medicina preventiva mais eficaz. Delicado também é o problema das multinacionais de medicamentos, ameaçando, inclusive, os estudos da CEME com o fim de aproveitar ervas medicinais e baratear o custo dos remédios. Como se vê, o aperfeiçoamento relativo do atendimento médico no DF não é senão um primeiro passo na longa estrada de uma eventual — e desejada — socialização da medicina em nosso país. Ainda há muito pano para man: ga. (William Santiago)

## Médicos não concordam com o Secretário

A formulação de uma política de saúde para o Distrito Federal deveria ter a participação da classe médica candanga. São os médicos, afinal, os responsáveis diretos pelos pacientes, lidando com inúmeros problemas que surgem durante o atendimento nos hospitais, postos de saúde e clínicas brasilienses. As reclamações mais comuns entre os médicos são de baixos salários e condições de trabalho massacrantes. Na opinião do presidente da Associação Médica de Brasília, Gustavo Ribeiro, o problema poderia ser atenuado através da fiscalização dos serviços médicos prestados à população, que deveria ser preferencialmente feita pelos usuários do sistema de saúde, através de conselhos comunitários que representassem todos os segmentos sociais.

Ribeiro reconhece em Brasília uma área problemática em termos de saúde uma vez que é ponto de convergência de pacientes de todo o Brasil, que aqui vêm em busca de assistência médica, o que sobrecarrega os hospitais. Além disso a implantação de loteamentos na periferia do DF sem infraestrutura de saúde, poderá vir a agravar a situação num futuro não muito distante.

A presidente do Sindicato dos Médicos de Brasília, Maria José da Conceição, entende que a Fundação Hospitalar do Distrito Federal está produzindo estatísticas que não refletem com clareza as reais condições da assistência médica em Brasília. Para ela o sistema falha no atendimento ambulatorial,

na medida em que os postos de saúde foram desvirtuados em sua meta original que era a de fazer o atendimento primário à população, transformando-se apenas em postos de triagem para os hospitais.

Um outro grave problema apontado pela médica é o dos hospitais de grande porte, que recebem um número enorme de pacientes, muitas vezes em estado grave, que têm quase sempre de esperar horas de atendimento, uma vez que os equipamentos estão constantemente sobrecarregados e o pessoal médico ocupado com outros casos de igual gravidade. "É rotina recebermos pacientes dos hospitais das cidades satélites no Hospital de Base de Brasília, melhor equipado que os outros".

No que diz respeito à medicina privada, o problema também preocupa. Várias empresas intermediadoras de serviços médicos se instalaram em Brasília de um ano para cá. Estas empresas são organizações que, objetivando o lucro, desvirtuam a relação médico-paciente, pagando mal ao primeiro e não atendendo adequadamente ao segundo.

"Os médicos atualmente estão preocupados com a sobrevivência, acumulando empregos e impedidos de fazer seu trabalho adequadamente", segundo Gustavo Ribeiro. Os pacientes estão dentro do eterno ciclo da doença, uma vez que, sem saneamento básico e condições de vida razoáveis, não pode haver saúde. (Iara Viotti)



leda Prestes

**R**epresentando o pensamento da Igreja no Brasil, Dom Luciano Mendes se mostrou muito à vontade para discutir a Comunicação pelo fato de ter, desde a infância, todo um envolvimento com este meio, conforme ele mesmo contou: "Eu nasci numa tipografia, brincando com tipos de jornal. Meu avô criou o *Jornal do Brasil*. Minha avó criava os primeiros classificados do Brasil, em cima da cama, para fazer uma página diferente. Meu pai trabalhou no *Correio da Manhã*. Ele fez os primeiros suplementos integrados brasileiros que foram 60 jornais. Quando circulava a Cintra, que integrava desde a Amazônia até o Rio Grande do Sul, nós fomos os primeiros professores em Jornalismo. Isto é muito importante. Porque há pessoas que se sentem muito estimuladas pelo ambiente, querendo dizer alguma coisa, que também se sente como vocês, embora nem sempre a área da gente seja a Comunicação".

Com o lançamento da campanha "O Ano Internacional da Comunicação", inclusive, com ampla divulgação nos meios de comunicação do país, sob a iniciativa da Igreja, D. Luciano, a convite do Centro Acadêmico de Comunicação compareceu ao Departamento para discorrer sobre o tema. Ele fez um relato sobre a situação atual da Comunicação no Brasil, apresentou as alternativas propostas pela Igreja e opinou sobre o papel do comunicador. Abaixo, os principais trechos da palestra.

### Manipulação ideológica e consumismo

São quatro as constatações, segundo D. Luciano, que servem como pano de fundo para discutir a nossa Comunicação:

**Primeira:** "A Comunicação tem que ser mais aberta porque ela está enfiada. Ela está bloqueada e precisamos tirar um pouco deste bloqueio. Então, se pergunta: o que é uma Comunicação alternativa a essa Comunicação consumista? O que se precisa, em primeiro lugar,

é garantir a veracidade e objetividade da informação. Porque todos nós somos conhecedores de como é difícil saber a verdade através de um jornal. Você vê que mesmo quando a CNBB dá uma comunicação escrita, acontece de saírem apenas três, quatro, cinco frases, que já pela própria filtragem do conteúdo, modificam a mensagem..."

"E eu dou um caso concreto: de um bispo, que estava pacificamente lá no Xingu, com mulheres e crianças, naquele bloqueio de ponte, que não foi idéia dele, mas do povo local. Quando foi socorrer uma pessoa que desmaiou lá no meio, por causa das bombas de gás lacrimogêneo que jogaram, foi preso, dobrado pela força. Foi levado manietado através de um carro e apanhou. E a imprensa declarou (D. Luciano fala com ironia) que não houve violência. Houve, digamos assim, disciplina. Quer dizer, dão outro nome para a violência. A notícia perdeu o trato".

"Então, você vê que a filtragem é sempre manipulada. A população é sempre condicionada. A informação é sempre intencionada. Porque não há o espaço na Comunicação. Então, dentro dessa percepção, a gente vê que a Comunicação pode crescer, porque a Comunicação vai ser a estrutura básica da comunhão e da intercomunhão de toda uma convivência humana".

"...Dentro dessa perspectiva, o fato fundamental é a constatação de como a Comunicação é importante. Ela é saborosa. Ela é desejada. Mas, ela está enfiada. Ela está bloqueada. Ela está limitada. Daí que com essa Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação, o que se propõe é a Comunicação total. Uma sociedade de Comunicação total. Em que as pessoas possam falar, ser ouvidas, se intercomunicar sem o filtro do poder econômico. Porque enquanto a Comunicação estiver atrelada ao poder econômico é evidente que poucos falarão e muitos estarão tentando encontrar espaço até para ouvir e muito pouco para falar".

**Segunda:** "A partir dessa constatação, nasce um anseio de capacitar a classe pobre, de modo a que saia da marginalização e tenha condições de ocupar algum lugar, de ser sujeito da sua autopromoção. Assim, é preciso trazer para dentro do universo da Comunicação a voz e a vez dos pobres. Porque eles conservam no seu ostracismo uma área de originalidade que poderia ser novamente canalizada para eles, numa espécie de intercâmbio cultural".

**Terceira:** "A pouca Comunicação que existe hoje é manipulada não só pelo poder econômico, mas pelo poder econômico atrelado à ideologia. A mensagem subliminar que passa por aí, é uma auscultação que conduz o povo para o tipo clássico forjado, ideologicamente manipulado, de cidadão. A sociedade marcada pelo consumo. E como esse consumo nem sempre é um consumo popular, mas é um consumo para quem

# A IGREJA E A COMUNICAÇÃO

tem poder aquisitivo, a Comunicação fica sendo dirigida para eles. Porque são eles que entram na área do consumo..."

"Então, você tem um revista como *Veja*, *Isto É* e *Manchete*, que são caras, mas podem ser compradas por aqueles que têm acesso àquele nível de consumo e ali eles têm também o tipo de propaganda que vai dirigí-los para uma nova aquisição. A Comunicação que é consumista, atinge essa classe privilegiada. É um círculo fechado. Mais do que a manipulação que poderia ser até bem intencionada ou bem conduzida, embora sempre a manipulação seja nefasta, a Comunicação está atrelada ao mercado de consumo. A sociedade brasileira se vendeu porque ela fica à dependência das propostas de consumo. É triste, porque nós até inconscientemente participamos disso".

**Quarta:** "Surge aí uma necessidade. Uma reação a esta manipulação, que é a capacidade de se situar, hoje, dentro deste universo como ele está, através da consciência crítica. Que é exatamente a capacidade que você tem de ver objetivamente o que está acontecendo, e por isso mesmo, detectar as mensagens subliminares que muita gente não percebe. Como, por exemplo, a sucessão presidencial que até hoje ocupa largo espaço na Comunicação. Assim como o expurgo, a indexação, a mudança na ORTN etc. As pessoas vão se situando e vão aceitando discutir o fato sem saber por que. Aqui, há a necessidade de uma consciência crítica. E o grande desafio não é ter essa consciência, mas é transmiti-la.

### Nas propostas, a voz e a vez dos pobres

As propostas da Igreja para o universo da Comunicação, conforme D. Luciano, embora não representem todas as vozes da Igreja, são fruto do idealismo de muita gente e a coisa pode crescer naturalmente. As propostas são basicamente três:

1) "Criar espaço para a Comunicação do pobre. A Comunicação pequena. Através das comunidades de base, das reuniões de grupo, dos bate-papos. Nesse campo, no Brasil e em muitos lugares do Brasil, mesmo no Nordeste, há espaços de Comunicação popular. Isso vem se realizando mais nos ambientes simples e pobres do que nos ambientes de classe média e alta. Tanto que uma queixa que esses outros ambientes têm é de dizer que hoje a maioria das ações da Igreja é destinada aos pobres, como se a Igreja tivesse nisso um fim. Se isso é verdade, é até um bem, mas, é porque essa experiência tem mais campo, mais vez, mais originalidade e aceitação nas áreas do povo".

2) "A partir desse espaço criado, deve-se deixar acontecer a fala, a comunicação. E, não basta que cada um fale, mas, entre participando. Então, se vê aí, lideranças surgindo através da



leda Prestes

Na palestra, Dom Luciano falou da im

Alu

Os estudantes de Comunicação, na sua maioria, concordam que a iniciativa da Igreja de Propor a paz através da Comunicação é uma ação politicamente avançada e deve ser incentivada, inclusive porque se adianta a outros setores da sociedade como também aos próprios comunicadores. Mas, por outro lado, consideram esse trabalho parcial, porque ele só avança até um certo estágio das forças sociais. E é parte de um problema que só terá solução quando não só os meios de Comunicação, mas toda a economia for colocada a serviço da sociedade, o que requer profundas transformações sociais.

Para o estudante Carlos Alberto, a Comunicação está realmente enfiada. E afirma: "A Comunicação no Brasil, está de costas para o país. Somente se comunica aquilo que interessa às elites. São milhões de camponeses, de operários, de pessoas espoliadas, que não têm direito, não têm voz, não são ouvidos, não são vistos pela Comunicação, que assim, se coloca a serviço de minorias".

Sobre esse aspecto, o estudante Márcio Araújo, afirma que a Igreja procura dar maior ênfase na organização de uma Comunicação alternativa, no que ele não concorda inteiramente: "Esse trabalho é importante e necessário, mas você não pode esquecer que a estrutura hegemônica da Comunicação é que leva o ideal de violência, do consumismo e de valores retrógrados. Então, deveria se questionar

# REJEJA E COMUNICAÇÃO

Reportagem de  
James Gama



Importância da Comunicação e do seu papel como instrumento que influencia mudanças.

## Rejeia e Comunicação

essa indústria cultural que é hegemônica e que atinge mesmo a maior parte da população, tentando atenuar, melhorar, democratizar mais esses meios. É aí, onde a proposta da Igreja não atinge. Essas organizações independentes da informação, paralelas à indústria cultural, não conseguem vencer essa barreira.

Por sua vez, a estudante Rejane Pretti entende que "esse trabalho por baixo, que a Igreja quer fazer, é importantíssimo porque é uma forma de educar uma camada da população que não tem como chegar aos grandes meios de comunicação. Mesmo que seja através de conversas ou de um jornal de bairro. Então, só em você fazer esse trabalho, já é uma forma de se criticar a grande imprensa e de tentar ganhar uma opinião pública que force esses grandes meios a abrirem um espaço".

### QUESTÃO POLITICA

Segundo Rodrigo Mesquita, estudante de Jornalismo, a Igreja sempre teve uma preocupação muito forte com a questão da Comunicação. Ela sempre procurou ocupar esse espaço porque ela é importante politicamente e a Igreja é um órgão político. E explica:

A Igreja está usando de seu poder de penetração na sociedade e lançando a coisa de uma forma mais contundente, como a propaganda na televisão, que é muito bonita, bem feita, e que coloca corretamente a questão da incomunicabilidade. Só que eu

acho que o problema não é a falta de comunicação, como a Igreja afirma. A propaganda coloca — "Eu não vejo. Eu não falo. Eu não ouço." — como se a resolução dos problemas da humanidade se desse através da Comunicação, do diálogo. Isso não é verdade. Isso tem a ver com a linha política e ideológica da Igreja".

### APOIO

Uma das formas dos estudantes contribuírem com esse trabalho da Igreja, segundo Carlos Alberto, é desenvolver junto aos sindicatos, uma proposta aos governos oposicionistas, que defenderam a democratização dos meios de Comunicação, para que eles utilizem democraticamente os meios de Comunicação que eles têm a seu dispor. Fazer com que esses órgãos deem vez e voz à população.

Carlos Alberto, no entanto, demonstra a sua preocupação com aqueles que poderiam ajudar nesta campanha, mas que até agora nada fizeram. E conclui: "É muito mais preocupante ver porque os sindicatos de jornalistas, os sindicatos de trabalhadores de empresas de rádio e televisão, por exemplo, até hoje não se manifestaram sobre o assunto, ou mesmo que as escolas de Comunicação ou os intelectuais ainda não se dedicaram a fazer uma campanha no sentido de dar uma conotação verdadeira ao Ano Internacional da Comunicação para que não seja apenas mais uma data".

Comunicação. E quando há lideranças você sabe que ela é comunicativa porque quem não se comunica não tem a menor influência dentro da sociedade. O que está em questão são lideranças que não sejam individuais, mas sim, envolvidas com as pessoas com que mantêm comunicação. Isso gera um novo tipo de sociedade intercomunicante."

3) "Deve-se estimular um embrião de Comunicação mais ao alcance do povo. Mensagem escrita e divulgada dentro de uma consciência. Está havendo um embrião de circulação escrita popular. Boletins, panfletos, cartilhas populares, a multiplicação de formas escritas. Vai surgindo uma coragem das pessoas se expressarem".

Na mensagem do  
Papa, um canal  
para a paz

A mensagem bíblica que o Papa propôs nesse Ano da Comunicação é a de que a Comunicação deve ter como horizonte a construção da paz, conforme explica D. Luciano:

"A proposta do Papa incide na consciência crítica do próprio comunicador de saber, de entender que ele não tem o direito de filtrar nem de se vender à filtragem. As vezes, você fala com o repórter que você não queria aquela notícia. (D. Luciano imita o repórter com ar de quem não tem culpa) — "Ah! Eu entreguei. Mas lá, o senhor sabe, não é? Lá, o pessoal escolhe o título e reduz e assim é". — De modo que nem o próprio comunicador de base tem assegurada a fidelidade de sua publicação para um órgão no qual ele trabalha. Quer dizer, o seu critério não é aceito em igualdade de condições pelo mesmo, escolhe e publica a notícia".

"Então, a primeira coisa a se garantir é a veracidade, a totalidade, a fidelidade, a objetividade, a transparência, a globalidade da informação. Porque se você disser, por exemplo, que uma pessoa roubou, mas não disser que ela roubou por fome, você falseia a informação. Se você disser que essa pessoa matou, mas não disser que ela matou em legítima defesa, você está falseando a informação a tal ponto chega a situação, que você deforma até o sentido da palavra. Você diz que ladrão é quem rouba galinha. E quem rouba banco. Mas, quem rouba mais, não é ladrão — é economista, não é verdade? (Risos). Então, é a própria Comunicação quem fica necessitando de uma reformulação para que ela esteja na base de uma sociedade que tenha por objetivo a paz".

### NOVA SOCIEDADE

"O que se pretende é uma sociedade participada e participante. Uma sociedade de comunhão, de reconciliação. Não uma sociedade de poder, de dominação, de repressão. Então, qual é a proposta da sociedade? Qual é a proposta de poder que você traz? E o poder,

como se diz, imposto e autoritário? Paternalista? Ou o poder redimensionado, participado, dividido. Em que cada um vai tomando parte realmente dentro da convulsão de um processo em que ele tem que atuar?" "... A política é uma autopromoção para você ter condição de falar como autoridade, criar o seu caminho? Ou é uma condição que você tem de melhor servir o seu semelhante? O que nós temos hoje é que são raros os casos de políticos que conseguem voltar à vida comum sem ter aumentado o seu patrimônio. Então é todo o tipo de sociedade que está aí. Uma sociedade voltada para o lucro. Uma sociedade regulada pelos direitos dos outros e que a gente reconhece esses direitos. E preciso colocar na ponta dessa sociedade valores de justiça, de distribuição de bens, que assegurem o trabalho. Me diga da eficácia de um poder em qualquer sistema ou modelo que não assegure trabalho aos homens que tem força de trabalho?"

A verdade deve  
ser a meta do  
comunicador

D. Luciano concluiu a sua palestra fazendo uma análise sobre todo o processo de Comunicação e dando o que seria, na visão da Igreja, a função do comunicador. Prevendo, inclusive, uma nova era da Comunicação.

"Resumindo tudo, a constatação é que se chega é de que a Comunicação está bloqueada e há uma intenção do desbloqueio e da Comunicação total. E há uma preferência, que é abrir espaços para o pobre e para o simples, que numa sociedade manipulada pela economia e pela ideologia é justamente aquele que está mais marginalizado do processo ao intercâmbio de Comunicação. E, finalmente, notar que dentro disso existe um espaço que está sendo ocupado por muita gente. E, em particular, a necessidade da formação da consciência crítica, para que na ocupação desse espaço a gente veja o que é a informação objetiva e o que é a filtragem. E essa consciência crítica é que faz com que o comunicador tenha importância nesse processo".

"... O comunicador não deve dar só a notícia, o pacote da informação, mas, deve dar, também, as condições de assimilação a essa informação. O critério da Comunicação não é só a técnica e a sua difusão, mas, é o seu conteúdo e a sua mensagem. Comunicar não é só verbalizar, imaginar, plastificar, fotografar, mas, é, através de tudo isso, fazer acontecer a circulação da verdade. Não se trata de destruir a sociedade, eliminando a vida por baixo, nem por cima. Mas, trata-se de construir um tipo de intercâmbio que só acontecerá através da Comunicação. Não há dúvida de que ainda está por nascer uma nova era da Comunicação, em que você se sinta bem aprendendo e apreendendo, ouvindo, falando e acreditando que o que está circulando por aí é verdade e não uma pseudomensagem".

## Comitê de Solidariedade

# Brasília reage à situação latino-americana

O Comitê de Solidariedade aos Povos da América Latina foi criado no dia 14 de julho de 1982 em um ato público que reuniu cerca de 600 pessoas na sede da Associação Brasileira de Odontologia. Sobre seus objetivos e realizações, O Campus ouviu Marilda Soares, Presidente da Associação Profissional dos Sociólogos do Distrito Federal, e uma das organizadoras do Comitê, no qual, diz ela, não há hierarquias.

**Campus:** Como foi criado?

**Marilda:** Na verdade, ele segue os passos do Comitê Brasileiro pela Anistia e do Comitê Brasileiro de Solidariedade que foram criados em São Paulo em 1981 e no Rio em 1982. Em Brasília, o Centro Brasil Democrático (CEBRADE) teve a ideia de criá-lo, especificamente voltado para a questão da guerrilha em El Salvador. Inclusive, seu primeiro nome seria Comitê Brasileiro de Solidariedade ao povo de El Salvador. Mas, como no Rio e em São Paulo existiam outros com atuação mais ampla e a situação de El Salvador não era única, resolvemos formar um comitê de solidariedade aos povos da América Latina. Então, o CEBRADE convidou entidades sindicais e estudantes para participar do comitê.

**Campus:** Que entidades compõem o Comitê além do CEBRADE?

**Marilda:** O comitê conta com a participação de entidades de caráter estudantil, cultural e sindical.

**Campus:** Então ele conta com o apoio amplo dos diversos segmentos da sociedade?

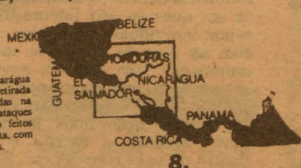
**Marilda:** Claro, para você ver, integram o movimento diversas associações de moradores, além de entidades culturais com o CUCA, Movimento Candango de Dinamização Cultural e grupos sindicais com a Associação dos Vigilantes, o Sindicato dos Trabalhadores em Asseio e Conservação e a Associação dos Empregados Domésticos.

**Campus:** E como funciona o Comitê?

**Marilda:** Ele funciona muito esporadicamente, em eventos. Normalmente não há grande atividade. Por ocasião da guerra das Malvinas, por exemplo nós fizemos um ato de solidariedade à Argentina, pois não entramos

### "Os 11 pontos da dignidade"

Declaração oficial do governo da Nicarágua diante das declarações do presidente Reagan



1. Na atual situação de invasão militar que vive Nicarágua toda solução tem um requisito irrenunciável: a retirada incondicional das forças genocidas introduzidas na Nicarágua pelos Estados Unidos e o fim dos ataques fronteirizos a partir do território hondurenho feitos permanentemente pela contra-revolução somozista, com o apoio militar das forças armadas de Honduras.
2. Fim à presença de barcos de guerra americanos, dos voos de aviões-espiões, e à participação da "comunidade de inteligência" dos Estados Unidos no financiamento, organização e direção de forças e planos abertos ou encobertos contra nossa pátria.
3. O governo da Nicarágua mantém sua disposição de melhorar o clima de relações com os Estados Unidos e iniciar imediatamente negociações bilaterais diretas na base do respeito mútuo e reconhecimento do direito à nossa autodeterminação.
4. De modo oficial e explícito o governo dos Estados Unidos deve comprometer-se a não continuar as agressões à Nicarágua nem continuar a promover qualquer ação direta, indireta ou encoberta contra nosso país.
5. A Nicarágua rechaça a pretensão dos Estados Unidos de impor humilhantes restrições às suas prerrogativas irrenunciáveis e soberanas, relacionadas com a defesa nacional.
6. Face à agressão e ameaças que enfrentamos não renunciaremos a dotar-nos dos meios indispensáveis para nossa defesa. Resolvemos cooperação internacional e continuaremos solicitando cooperação a todos os governos que queiram dá-la, independentemente de seu regime político, econômico ou social. Como política de princípios declaramos que nosso país não se converterá jamais em base militar de ninguém.
7. A respeito das acusações de fornecimento de armas aos guerrilheiros salvadoreños insistimos na apresentação de provas. Ao mesmo tempo expressamos disposição de discutir bilateralmente com os Estados Unidos estas preocupações.
8. Nicarágua está disposta, como gesto sério de reafirmar nossa vontade de paz, a subscrever, imediatamente, pactos de não-agressão com qualquer país que o considere necessário e a sustentar negociações bilaterais com aqueles países da área que o queiram.
9. Vemos a articulação de Contadora com uma firme disposição de paz, ainda que nem todos os resultados obtidos nos satisficam. No entanto, Contadora é até agora e cada vez mais o principal esforço regional para contribuir à paz na América Central e continuaremos fortalecendo esta iniciativa, respaldada agora por Brasil e Peru.
10. Nicarágua como Estados soberano e em exercício do direito legítimo de nosso povo, não só defenderá a Revolução, senão que aspira aprofundá-la até alcançar a plena reconstrução dos país, seu desenvolvimento econômico e social, defendendo o projeto de não alinhamento, pluralismo político e economia mista. O processo de institucionalização da Revolução sandinista continua e continuará. O Conselho de Estado através das comissões respectivas continuará trabalhando na elaboração da lei dos partidos políticos e o projeto de lei eleitoral que nos conduzirá ao cumprimento do que decidimos com nosso povo, realizar as eleições em 1985.
11. Face às provocações que possam agravar a situação de pré-guerra que vive a região, rechaçamos de modo mais crítico e determinante as falsidades divulgadas pela administração do presidente Reagan sobre instalações de foguetes soviéticos na Nicarágua. Reafirmamos que estas só existem na mente da administração Reagan.

Manágua, 1.º de maio de 1983

## O comitê manifesta seu apoio na questão da Nicarágua

no mérito da questão, mas um ato de repúdio ao colonialismo e de exaltação à soberania dos povos. Posteriormente, por ocasião da chacina em Sabra e Chatila, nós fizemos um ato de solidariedade aos palestinos. A comunidade palestina participou bastante.

**Campus:** Então o Comitê ampliou suas fronteiras...

**Marilda:** Como se vê, na realidade ele ampliou as fronteiras. Nós achamos que tínhamos que nos manifestar. Assim, ele perde seu caráter regional por conta da amplitude da oposição. Nós mesmos o temos chamado de Comitê de Solidariedade aos Povos Oprimidos.

**Campus:** A atuação do



Reagan: uma intervenção contestada pelos brasileiros

Comitê se dá a nível internacional ou apenas dentro do Brasil?

**Marilda:** É mais a nível nacional. Nós não temos contatos constante com organizações internacionais.

**Campus:** E vocês trabalham integrados com os movimentos do Rio e São Paulo?

**Marilda:** Formalmente, não trabalhamos em conjunto, mas na prática, sim. Nós inclusive preparamos um dossiê aqui em Brasília e o levamos aos comitês de São Paulo e do Rio Além disso, o comitê de Brasília está tentando fazer um cartaz e angariar fundos para a Nicarágua.

**Campus:** O objetivo do Comitê seria sensibilizar a opinião pública ou teria como objetivo principal a política externa brasileira?

**Marilda:** Na verdade, nós não pretendemos simplesmente tentar fortalecer uma certa posição da política externa brasileira. Isso também estaria dentro do nosso objetivo, mas a questão principal é manifestar solidariedade aos povos oprimidos e despertar nos brasileiros, uma consciência em relação a situação latino-americana. Com relação à política externa, esse dossiê que nós preparamos sobre a Nicarágua é uma forma de dar conhecimento aos parlamentares do que está acontecendo. Isso poderá se transformar numa posição mais firme da política externa brasileira.

**Campus:** O Comitê apóia as soluções e a mediação do grupo de Contadora?

**Marilda:** Nós apoiamos totalmente. Estamos de acordo que haja negociações bilaterais, inclusive o Brasil está de acordo com o grupo. Quanto mais entendimentos na nível diplomático, melhor.

**Campus:** A situação da América Central pode tornar-se delicada no sentido de que venha a ser palco de conflitos Leste-Oeste?

**Marilda:** Se estes conflitos continuarem da forma como estão se dando, com esta participação ostensiva norte-americana, poderá levar a isso. Nós devemos fazer tudo para que não ocorra e que os Estados Unidos deixem ao livre arbítrio do povo nicaraguense e da América Central, a resolução de seus destinos. Nós sabemos que há possibilidade de confronto entre as grandes potências, inclusive é esta uma questão pela qual temos lutado, para acabar com a intervenção externa, evitando a generalização do conflito.

**Campus:** Então o Comitê seria o início de uma resistência à posição norte-americana?

**Marilda:** Bom, não é que o Comitê seja uma tentativa de resistência, mas nós nos manifestamos contrários a essa intervenção dos americanos. Inclusive, temos lutado pela soberania dos povos e os Estados Unidos a estão flagrantemente violando. O Comitê está denunciando isso e continuará a fazê-lo.

## Políticos cobram ação da ONU

No início deste ano, um documento assinado por parlamentares de todos os partidos, chegou às mãos do secretário-geral da Organização das Nações Unidas, Javier Pérez de Cuellar. Nele, os congressistas manifestam seu apoio ao governo sandinista da Nicarágua e exigem das Nações Unidas "a pronta obstaculização das manobras do imperialismo norte-americano".

Em junho, o governo americano enviou resposta a todos os signatários do documento, através do embaixador Anthony Motley. "É uma carta acintosa e insolente. Ele

não tem nada a ver com a ação dos parlamentares brasileiros", diz irritado o deputado Jackson Barreto (PMDB-SE) a respeito da carta de Motley. No próximo mês, um grupo de políticos, liderados por Barreto, irá à ONU para cobrar uma resposta a seu documento. Na volta, devem manter um encontro, na Nicarágua, com líderes sandinistas.

### CONTRADIÇÕES

Os políticos também endereçaram uma carta ao presidente Figueiredo, na qual reclamam uma ação mais concreta do Itamaraty com relação

à política externa, especialmente a América Central. O Brasil foi um dos primeiros a reconhecer o governo sandinista, após a derrubada de Anastácio Somoza, em julho de 1979. No entanto, até hoje não nomeou um embaixador para aquele país, mantendo apenas um encarregado de negócios. Enquanto isso, Manágua tem em Brasília uma embaixada funcionando normalmente. "As palavras do presidente Figueiredo em Cancun foram animadoras, mas ficaram até aqui apenas como palavras no espaço. Queremos uma ação mais concreta. São essas con-

dições — o caso da Nicarágua — que têm levantado suspeitas para nós de que está havendo ingerência na nossa política externa", afirma Barreto.

A questão centro-americana poderia, segundo o deputado, ser discutida em âmbito regional. O problema é que os Estados Unidos "usam um poder de pressão muito grande sobre a OEA. Deveria existir uma organização latino-americana, apenas para fazer parte dela com um poder decisório sobre a região os países latino-americanos. Afinal de contas, são

todos países pobres que não têm nada a ver com os Estados Unidos, que é o grande irmão rico que tem servido como instrumento de pressão e de exploração dos povos latino-americanos.

O documento também foi entregue ao Grupo de Contadora (Colômbia, Panamá, Venezuela e México), ao governo da Nicarágua, ao Itamaraty e a imprensa internacional. "Nós procuramos fazer aquilo que estava ao nosso alcance e o documento tem tido a maior repercussão dentro e fora do país", observa Jackson Barreto. (Jálio Carlos Nazareth).

## Greve dos servidores

## Em Brasília, mordomia impede mobilização

Havia mais jornalistas que funcionários públicos de Brasília na concentração do último dia 21 em frente ao Congresso Nacional. "O medo e o comodismo são os responsáveis pela falta de mobilização dos funcionários daqui", afirma Eduardo, funcionário do DASP, presente à concentração. "Os funcionários de Brasília acham-se comprometidos, comprados pelas gratificações, DAIs e apartamentos funcionais, é por isso que não se mobilizam".

Sete estados representados na concentração. Alguns atribuíram a "condições peculiares" como transporte funcional, restaurante no local de trabalho e até "excesso de mordomias" a falta de participação do funcionário de Brasília. "Cortaram o meu ponto e o de um colega que eu conheço, por participarmos do movimento", desabafou um funcionário também do DASP. Mas o fato é que as últimas manifestações em Brasília não têm sido reprimidas como as primeiras.

O movimento em Brasília apresenta problemas de organização que inviabilizam a deflagração de uma greve e tornam inexpressivo o grau de mobilização dos servidores em relação ao restante dos estados mobilizados. Bernardete, funcionária do Tribunal de Justiça, lamentou que apesar de terem sido distribuídos quase 30.000 panfletos nos órgãos públicos a presença dos funcionários foi insignificante.

## REIVINDICAÇÕES

Os funcionários reivindicaram

## A quem reivindicar?

Os servidores públicos em greve, ficam andando de um lado para outro em vão. O Governo não quer abrir um canal de comunicação para os grevistas, alegando que a greve é ilegal, que o país não se encontra em condições econômicas para avaliar suas reivindicações. Apenas os "aconselha" a voltarem aos seus trabalhos, por meio de ameaças, afirmando que o servidor público estatutário deve orgulhar-se da posição que desfruta, já que tem maior estabilidade, direito à licença prêmio e dispõem de quinquênio.

Nomes importantes como o do líder do PDS na Câmara, deputado Nelson Marchezan; ministro da Previdência, Hélio Beltrão; Presidente da Câmara, deputado Flávio Marçilio e até do Chefe do Gabinete Civil da Presidência, ministro Leito de Abreu foram sugeridos, num espaço de praticamente uma semana, como possíveis elos de negociação entre os servidores públicos e o Governo. Isso porque nem o Ministério do Trabalho, na pessoa do ministro Murilo Macedo, nem o DASP (Departamento Administrativo do Servidor Público), através do seu diretor, José Carlos Freire, se dispuseram a tomar a frente das negociações.

## ALTOS E BAIXOS

Enquanto isso, o movimento cresce, sofre altos e baixos, devido à repressão, mas continua decidido no seu caminho com uma percentagem considerável de paralisação em estados como o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Além desses, estão em greve: Paraná, Espírito Santo, Rio Grande do Norte, Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo e, parcialmente, na Paraíba. Tem-se verificado maior número de paralisações no IAPAS, INPS e INAM-PS, seguido pelas Universidades.

Paulo Nogueira, presidente da Associação Nacional dos Médicos Residentes, um dos integrantes do Comando Nacional de Greve, questiona instalado numa pequena sala da Comissão de Serviço Público da

70% de reajuste salarial, 13º salário para os estatutários, sindicalização e mais outros 15 itens. Para Adroaldo Ferreira, da delegação do Rio Grande do Sul, "mantendo o movimento nos puxaremos todos para uma corrente determinada de tal sorte que somente restará ao governo atender as nossas reivindicações".

Para ele, Brasília está parada porque o poder "castrou a consciência crítica das pessoas".

Guide Carneiro, da Federação dos Servidores de Brasília, avalia que apesar da falta de condições para deflagrar uma greve em Brasília, o que importa é que existe mobilização na cidade. Citando o lema da delegação do Paraná - Trabalhar para paralisar - disse que agora não se trata mais de "tudo ou nada", o movimento tornou-se mais objetivo.

Desmobilizados, os funcionários públicos brasileiros parecem estar alheios às manifestações da classe no resto do país. A Federação dos Servidores Públicos de Brasília, em resposta a esta situação, pretende formar comandos por local de trabalho visando melhorar o nível de discussão dos problemas, ampliando o debate e mobilizando a classe. A estratégia no entanto, requer urgência pois o movimento já começa a apresentar sinais de esvaziamento. A classe médica, que até o momento havia sido o carro chefe das mobilizações no país, manifestou-se contrária à continuação do movimento. (Paulenir Constâncio)

Câmara, afirma que é difícil mobilizar a classe dos servidores públicos no Brasil. "Em Brasília, não há paralisação nenhuma, apesar de existir discussão em alguns sindicatos da classe. Aqui, em Brasília, a coisa é mais complicada. As pessoas estão muito próximas do poder..."

Cerca de 600 funcionários federais do INPS paulista já sofreram as consequências das ameaças do presidente desse órgão, Luiz Carlos Mancini. Foi registrado, em suas fichas, o envolvimento com o movimento grevista. No Paraná, como também em São Paulo, uma parcela dos servidores públicos voltou ao trabalho por ter recebido ameaças. O presidente da Associação Nacional dos Médicos Residentes não está preocupado com esse tipo de repressão pois o movimento tem tornado público as ameaças ocorridas, comunicando-as à imprensa, à OAB, à Pró-CUT (Comissão Pró-Central Única dos Trabalhadores) e aos partidos políticos.

## COMUNICAÇÃO

"Viemos a Brasília para estudar um canal de comunicação entre nós e o Governo, para pressioná-lo a nos receber", ressaltou Paulo Nogueira. O diretor do DASP, José Carlos Freire, deixou bem claro que não recebe os grevistas. Na sua opinião, "não há como atender os reclamos da classe, o que torna ineficaz um contato nesse sentido". Apesar de tudo, Nogueira não desanima. Ele se mostra otimista quanto ao resultado final da greve: "Caso nossas reivindicações não sejam atendidas, pelo menos teremos um saldo largamente positivo em termos de mobilização da classe dos servidores públicos, além de termos pressionado o Governo a tomar uma decisão. Se ele não tomar uma decisão, estará mostrando publicamente, a nível nacional, o seu descaço para com os servidores", desabafa Paulo Nogueira, demonstrando cansaço. (Luiza Modesto)



Marcia Suyane

Apesar da mobilização inicial, a greve dos servidores começa a sentir os efeitos das ameaças e da falta de um negociador direto. O esvaziamento do movimento vem ocorrendo em vários estados. O Comando de Greve, mesmo instalado em Brasília, não tem encontrado apoio dos servidores candangos.

## Em 10 anos, uma classe mais pobre

"Nos últimos 10 anos os servidores públicos federais tiveram uma defasagem salarial na ordem de 15%, que se agravou violentamente a partir de 1979 quando o governo estabeleceu uma nova política salarial com reajustes sempre inferiores ao custo de vida."

Assim define o enfermeiro e professor da Universidade Federal de Santa Catarina, membro da União Nacional dos Servidores Públicos, Jorge Lorenzetti, a atual situação econômica da classe em todo o país desde 1964. Lorenzetti justifica a unificação do funcionalismo público federal na atual greve como uma necessidade urgente dos servidores públicos de fazer frente à política salarial que o governo impõe a este segmento dos trabalhadores brasileiros.

Segundo Lorenzetti o governo escolhe a categoria para arcar com o ônus do acordo do Brasil com o FMI, não estando, segundo afirma, sensível às reivindicações da classe, utilizando sempre em seus contatos com o funcionalismo a mesma linguagem arreada de sempre.

## GREVES

O membro do Comando Nacional de Greve lembra que as greves do funcionalismo público federal se intensificaram a partir de 1978 quando da implantação do Decreto nº 1632 da CLT que rege a proibição da greve no serviço público. As greves, à época, centralizavam-se na área de ensino e da assistência médica, sempre se

caracterizando, pelo repúdio a reajustes sempre inferiores a inflação e pela instituição do 13º salário. Em 1980 surge a primeira greve nacional dos docentes, fato que levou à criação da Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior (ANDES). O movimento foi vitorioso, pois conseguiu fazer com que o Congresso aprovasse a nova carreira do magistério e instituisse reajustes diferenciados do restante do funcionalismo.

Em 81 foi a vez dos médicos, que paralisaram suas atividades por melhores salários e melhoria da qualidade do trabalho. Em 82, nova greve dos professores, também por melhores salários. Lorenzetti frisa que o movimento grevista do funcionalismo público historicamente evoluiu, pois atualmente novos setores da classe incorporam-se às paralisações, como os enfermeiros, o funcionalismo público dos ministérios e das repartições públicas federais.

Porém, o que caracteriza mais claramente a revolta do funcionalismo, segundo o membro do Comando Nacional de Greve é a perda gradativa do poder aquisitivo real da classe desde 1964. De acordo com dados de pesquisa da UNSP e do jornal O Pasquim, os militares de uma forma geral ganham mais de 42 salários mínimos mensais sobre os seus vencimentos de 64, que eram de Cr\$ 781.00. O funcionalismo público, de 64 a 83, perdeu em termos líquidos 52% de seu salário com vencimentos abaixo dos 42 salários dos oficiais militares.

## MILITARES

Em 1983, os militares evoluíram para 49 salários passando a ganhar os oficiais graduados a média de Cr\$ 1.176,88, enquanto que os reajustes dos servidores públicos situam-se na escassa faixa dos 70% parcelados semestralmente.

A pesquisa ainda revela um quadro comparativo da evolução salarial das duas classes de 1975 até 83. Em 75, os funcionários públicos tiveram um reajuste de 25% contra uma inflação de 33,82%, porém os militares, mesmo reajustados com o funcionalismo, obtiveram um aumento de suas gratificações por tempo de serviço em outubro desse ano. Em 79 persiste esse nível de reajuste, mas ainda esse ano os funcionários públicos foram reajustados em 40%, contra uma inflação de 42,1% e novamente em outubro novas gratificações para os militares.

Em 80 os reajustes passaram a ser instituídos por decretos-leis, o que permitiu maiores índices de aumento aos militares. Nesse ano os militares tiveram reajustes de 75% contra 56,35 dos funcionários públicos. Em 81, cresce a diferença: 100,5% para os militares e 75% para os funcionários públicos. Em 82, 105% para os militares e 96% para o funcionalismo.

Em síntese, o funcionalismo público precisa de um aumento real de 52% em seu salário para, no mínimo, ter o mesmo poder aquisitivo dos militares. (Marcelo G. Vieira)

# Entidades fantasma já fazem censura

A existência da censura já é um fato que por si só levanta questionamentos. Mas no Brasil ela assume proporções que, se não beiram o surrealismo, inspirariam o dia menos criativo de Kafka. E o caso do decreto 85 325, que modificou a composição do Conselho Superior de Censura, introduzindo as novas entidades "fantasmas", entre outras medidas.

Em busca de legitimidade o decreto tenta colocar na composição do Conselho representantes de todas as tendências conservadoras da sociedade, atribuindo o direito a voto a entidades que representariam uma parcela considerável da população brasileira, como a ANURT — Associação dos Usuários de Rádio e TV. Ao que consta, a ANURT, ou pelo menos o seu conhecimento, nunca foi levado ao público que ela diz representar. O que deixa clara e evidente a proposta de conduzir as decisões do Conselho por parte do governo. Como diz Pompeu de Souza, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa, "A ANURT congrega no máximo trinta associados, escolhidos a dedo nas copas do Ministério da Justiça."

## IGREJA

O decreto iria procurar entre segmentos do clero representantes para ditar seus vetos. Está estipulada a participação de um representante de Confissão ou Confissões Religiosas de expressão no país. Inicialmente, a CNBB foi procurada para indicar esse representante, mas recusou-se. Foi-se à cata do Movimento Familiar Cristão, que também se recusou. A alternativa foi dada por D. José Newton, Arcebispo de Brasília, que indicou o ex-deputado integralista Abel Rafael Pinto. Outra entidade que não quis indicar seu representante foi a Federação Nacional dos Orientadores Educacionais. Sem sede, sem telefone, contando apenas com uma caixa postal em Taguatinga, a Federação certamente setiu-se inadequada como componente do Conselho.

## ILEGITIMIDADE

O produto final do decreto assemelha-se mais a um racunho mal feito do que deveria ser a censura. Aproxima-se do grotesco por que, em sendo decreto, dá-se ao direito de suplantar a Lei. A própria Justiça tem dado respaldo às decisões do Conselho, ao negar os vetos de seus representantes ilegítimos. A ampla ANURT ilustra o fato, pois foi criada depois da publicação do decreto, explicitamente para servi-lo.

A negativa de alguns dos componentes do Conselho em indicar seus representantes dá a tônica exata do que é esse monstro jurídico. E nos fornece a constatação de que as decisões unilaterais já não têm mais espaço na sociedade brasileira. (Idelson Alan)

## Em plena abertura, um novo AI-5

Sequestros, guerrilhas urbanas, cassações, manifestações e medo. Este era o quadro em que vivia o Brasil na década de 60. Dois mundos separavam o povo brasileiro: dos jornais, revistas e televisão, que nada informavam sobre o que se passava, e o outro, o das pessoas que iam às ruas e viam o que estava ocorrendo.

Era o período negro da censura.

Em 1968, artistas e intelectuais promoviam passeatas no Rio e em São Paulo. O Teatro Municipal de São Paulo é ocupado, decretando-se a greve dos três dias.

Neste mesmo ano, o governo de Costa e Silva elabora um projeto de lei, que estabelece o Conselho Superior de Censura cujas funções são a de rever, em grau de recurso, as decisões tomadas pelo Departamento de Censura e ainda elaborar as normas que orientam o exercício do Departamento. Fica ainda decidido a participação de todos os órgãos e entidades interessados.

Um mês depois, a comissão que elabora o projeto de trabalho, composta por artistas e intelectuais, é impedida de continuar com os planos. Em 13 de dezembro de 68 surge o AI-5.

## ABERTURA

Mas foi em 1979, sob a gestão do Ministro Petrônio Portela e sem ameaça do AI-5 que o Conselho viria a se reunir pela primeira vez. Sua constituição estabelecida a representação de diferentes classes artísticas nacionais, da imprensa e órgãos do Governo. Conta João Emílio Falcão, ex-integrante do CSC, que "durante o período Portela, o Conselho atuou de forma bastante harmônica e democrática. Logo na nossa posse, ficou decidido que gradativamente nós iríamos acabar com a censura sem razão, apesar de sabermos que naquela época, era grande a repressão na área cultural, especialmente no cinema".

Segundo Falcão, o começo do trabalho a que se propunham foi muito difícil. "Lembro-me de um filme, Bacanal, no qual

aparecia uma cena de sexo, onde mostrava os seios da mulher e que causou muita polêmica. Mas, aos poucos fomos conseguindo mudar a concepção do que se podia ou não, até chegarmos onde chegamos. O mesmo acontecendo com os filmes políticos".

Com a morte de Petrônio Portela em janeiro de 1980, assume o mineiro Ibrahim Abi-Ackel. Em 1982, o Presidente da República baixa o decreto-lei nº 85 325, referente à lei 68, determinando a eliminação de algumas entidades do Conselho. E dá uma nova constituição.

A partir desse decreto, ficou vetada a participação do Conselho Federal de Cultura, Conselho Federal de Educação, Embrafilme, Funabem, ABL, ABARTE (Associação Brasileira dos Artistas de Teatro), artistas e técnicos em espetáculos e diversões públicas e, ainda os autores de radiodifusão.

## INTENÇÃO

Qual teria sido a intenção do Sr. Ibrahim Abi-Ackel, ao elaborar o decreto que negou a algumas entidades, o direito de representatividade junto ao Conselho Superior de Censura?

A resposta parece clara. Enquanto duro Portela, durou também o processo de desenvolvimento e liberação da censura, em todos os níveis. Com sua morte e a posse de Ackel, o governo percebeu que esta seria a possibilidade de desacelerar esse período democrático do conselho, declaradamente chamado de "Conselho Anti-Censura".

O decreto extinguiu o direito de algumas entidades realmente representativas, para dar lugar a outras sem qualquer tradição ou representatividade.

Esta medida veio a centralizar o poder nas mãos do governo, representado pelas entidades a ele subordinadas. Além do que estabeleceu a questão da unanimidade, ou seja, por um voto contra, um filme poderá ser vetado pelo Conselho, mesmo que parte de um não integrante, chamado Ibrahim Abi-Ackel.

(IEDA PRESTES)

## Tribunal dá resposta a Ibrahim Abi-Ackel

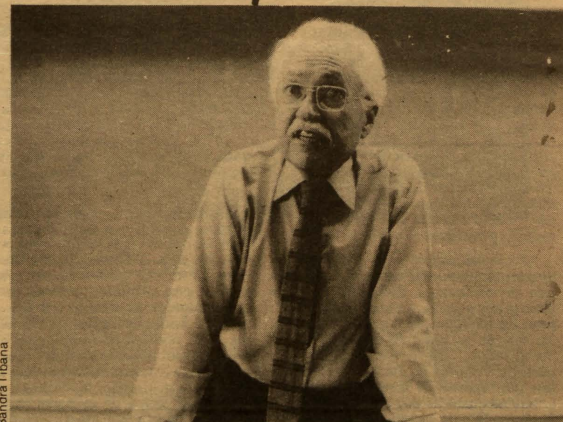
Há algum tempo atrás, o Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos e Diversões Públicas de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná, atingidos com o decreto 85 325/82, entrou com um mandado de segurança contra o Ministério da Justiça, por se sentir no direito legal de assumir uma cadeira de representante junto ao Conselho Superior de Censura, declarando a inconstitucionalidade do decreto que vai de encontro à lei de 1968.

Baseado nisso, o Tribunal Federal de Recursos concedeu há cerca de dez dias,

por unanimidade, o mandado impetrado pelo Sindicato, sob a alegação de que "o sindicato não está defendendo interesses individuais de seus associados, mas ao contrário, reivindica interesses próprios, o de indicar, perante o conselho, o representante das categorias".

Isso poderá representar, caso alguma entidade entre com o pedido de inconstitucionalidade do decreto, junto ao Supremo Tribunal Federal, o fim da época obscura em que os representantes sem poder, lutavam sem armas contra um dragão chamado censura. (Ieda Prestes)

CENSURA



Pompeu de Souza: o lutador com uma proposta controversa

## Cinema brasileiro em luta contra o lixo cultural

Não é difícil provar que o Brasil é um país culturalmente colonizado. Basta ligar a televisão e assistir aos enlatados; o rádio, e ouvir um ritmo importado; ler uma história em quadrinhos e perceber a assinatura Walt Disney Produções; pegar a lista dos dez campeões de bilheteria no cinema, e notar que mais da metade deles é de filmes estrangeiros. A própria política que rege os meios de comunicação apresenta interesses sutilmente ocultados por uma vestimenta aparentemente liberal que estabelece preferência ao produto nacional. Mas, como apresentar esse produto se não existem condições básicas de produção?

O problema enfrentado pelo cinema brasileiro é, talvez, o melhor exemplo para ilustrar essa situação e, ao mesmo tempo, mostrar de que forma se pode reagir contra essa dominação cultural.

Para se fazer um filme é preciso importar os insumos básicos, pagar alfândegas, tarifas etc. Depois de pronto, é hora de levá-lo ao mercado que, além de pobre e pequeno, sofre concorrência do cinema estrangeiro.

Pago em seu país de origem, esse filme chega no Brasil mais barato - aqui ele vai se sobre pagar - e, além disso, não é cobrado qualquer ônus para que entre no mercado brasileiro, razão pela qual chegam em grande quantidade.

Foi contra esse protecionis-

mo que o CSC (Conselho Superior de Censura) propôs a formação de uma "Comissão interministerial de alto nível para estudar e propor soluções para o problema do cinema nacional".

Segundo o jornalista Pompeu de Souza, representante da ABI (Associação Brasileira de Imprensa) no CSC e coordenador dessa comissão, "o objetivo é estudar medidas no sentido de reverter a situação da indústria nacional do cinema, taxando as importações e usando os fundos para incremento do cinema nacional".

Levada ao Ministério da Justiça, a proposta foi aprovada pelo Ministro Ibrahim Abi-Ackel, que contou ainda com o apoio dos ministros Delfim Neto e Ernani Galvêas, que elegeram representantes de seus ministérios para compor a comissão, junto a três membros do CSC e representantes de entidades da área: empresários, produtores, diretores, exibidores, distribuidores e atores.

Em fase de organização, ela começa a definir alguns pontos que ficaram no ar, como, por exemplo, que critério usar para distinguir um filme de boa qualidade de um ruim, ou seja, que medida usar para não se cometer a injustiça de impedir que um bom filme estrangeiro entre no mercado nacional, pois, como explica Pompeu, "não se está pretendendo banir o cinema estrangeiro e sim, impedir que se gaste divisas, com lixo cultural".

Mais espécies de primatas ameaçados de extinção. A Sociedade de Primatologia está estudando o problema aqui na região.

# A luta para conhecer os animais ameaçados

## Outros estudos para conhecer fauna e flora

A região do Cerrado tem características muito próprias devido ao seu regime climático. Embora seja região tropical, sofre influências de uma sazonalidade bem marcada: são seis meses de chuva e seis meses de seca. É muito diferente de outras regiões do globo em que o inverno se caracteriza por total ausência de alimento para as espécies nativas. Assim, em tese, os animais poderiam se reproduzir durante todo o ano. O que acontece é uma grande variação na quantidade e variedade de alimento disponível.

Essa flutuação reflete-se até mesmo no fluxo de aves migratórias, como a "tesourinha". Essa ave é um dos objetos de estudo do professor Roberto Cavalcanti, e tema da tese de mestrado de Thais Martins, ambos do Departamento de Biologia Animal. O projeto é financiado pelo CNPq e está em andamento desde o ano passado, quando as "tesourinhas" chegaram ao Distrito Federal e muitas delas foram marcadas pelo sistema de "anilhamento" (uma pulseira no pé da ave, com indicações). Agora com a mudança de estação, as tesourinhas estão para voltar ao Cerrado, propiciando a continuação do projeto. Seu objetivo principal é conhecer os mecanismos de adaptação das aves do cerrado diante das características da região.

Dezenas de outros projetos importantes estão sendo desenvolvidos na Fazenda Água Limpa, e que resultarão em teses de mestrado. Alguns eminentemente ecológicos, como a "Reintrodução do Canário da Terra no ambiente nativo", de Elmar Couto; e outros que objetivam o conhecimento do cerrado para uso agrícola, como "o Efeito do fogo sobre o estrato rasteiro e o solo em um cerrado", de Garo Batmanian; "alguns aspectos da ciclagem de nutrientes no cerrado", de Ivan Schiavini; "Análise de Associação entre plantas acumuladoras e não acumuladoras de alumínio", de Leila Cunha de Moura. Além desses, alguns outros analisam a fauna e a flora específicas do Cerrado, a eficiência da fotossíntese em função da forma e situação da vegetação. (Sheila Perru)

## Sociedade científica estuda primatas

"Nem todo conhecimento adquirido deve, necessariamente, atender a interesses de aplicação imediata". Esta afirmativa é da pesquisadora Dóris dos Santos de Faria, professora de Comportamento Animal na UnB, e secretária-geral da Sociedade Brasileira de Primatologia (SBP). Para a professora Dóris, o interesse maior das atividades de pesquisa deve estar voltado para as próprias condições de sobrevivência da Universidade, porque ela é a grande formadora de estudiosos dos problemas da região do cerrado brasileiro.

"É muito clara, dentro do cerrado, a importância da UnB; dentro da UnB a importância da reserva florestal e da Fazenda Água Limpa; e, dentro da política nacional, a importância do Cerrado como celeiro do futuro. Do fortalecimento da Reserva e da Fazenda depende o nível de formação dos biólogos de todas as especialidades, médicos, engenheiros agrônomos e florestais, e outros estudiosos dos problemas do Cerrado brasileiro."

Quase sempre, no entanto, a ciência encontra aplicação: todo conhecimento acaba se voltando, de algum modo, para a sociedade. Por exemplo, o trabalho da própria professora Dóris, que com uma equipe de outros professores e pesquisadores de várias especialidades, desenvolve um grande projeto na reserva florestal da Água Limpa. Ela é conhecida internacionalmente pela sua experiência no trato com um primata originário da Índia, que deu origem ao movimento pela primatologia no mundo todo — o macaco "Rhesus", no qual se descobriu o fator sanguíneo RH. Dóris foi diretora da colônia de primatas do Instituto Oswaldo Cruz, no Rio, e toda a sua experiência acumulada serve de parâmetro para o seu trabalho com os primatas do cerrado.

**ESPÉCIES**  
A região do Distrito Federal abriga três espécies: o Mico-Estrela ou Saguí, o Bugio ou Guariba, e o Macaco-Prego. Os dois primeiros vivem nas matas do Capetiga (Água Limpa) e no Parque Nacional. O Macaco Prego vive na reserva de Águas Emendadas. Estes primatas estão sendo extintos rapidamente por causa da destruição das florestas e por causa do contrabando internacional. O comércio clandestino abastece os laboratórios de todo o mundo que utilizam os

animais em pesquisas biomédicas. O "usuário" paga em dólares e não quer saber de onde os bichos vêm. Sabe que precisa deles, e que eles não faltam no mercado ilegal. Criadores que garantissem o abastecimento desse mercado ávido, estariam trabalhando com um dos itens mais regamente pagos no comércio internacional.

O trabalho dos cientistas pode fornecer dados sobre o potencial, Institutos de pesquisas nacionais e estrangeiros estão envolvidos nesse trabalho, através da Sociedade Brasileira de Primatologia, cuja diretoria está toda na UnB. Seu presidente professor Milton Thiago de Mello, vem com este projeto há anos. Desde 1975 que o Biotério da universidade vem criando animais para os seus laboratórios, acabando com a simples coleta que era realizada na mata. No Biotério, um outro trabalho se acrescentava à reprodução de espécimes: o treinamento de pessoal. O CNPq deu todo apoio a este treinamento e patrocinou a vinda de bons pesquisadores estrangeiros, principalmente ingleses. Como resultado, o laboratório de neurobiologia conta hoje com uma pequena colônia de micos-estrela e várias pessoas treinadas, capacitadas a transmitirem seu conhecimento. Neste ponto a colônia do Biotério perde sua razão de ser, e o objetivo passa a ser a criação de um centro de estudos na fazenda, contando com recursos do FINEP.

### OBJETIVOS

Os objetivos destes estudos são possibilitar a criação em cativeiro, que virá a satisfazer as necessidades da pesquisa biomédica; a reintrodução do animal em seu meio ambiente (como o caso dos 20 Guaribas que a França devolveu ao Parque Nacional (Água Mineral); e o treinamento de mais pessoas no manejo dos animais.

Um curso de Observação e Manejo de Primatas será realizado em setembro e outubro pelos primatologistas da UnB. A 1ª etapa será em Brasília, com as três espécies que vivem aqui; a 2ª será em Caratinga, Minas Gerais, com o Mono-Carvoeiro e a 3ª no Rio de Janeiro, no Centro de Primatologia, com outras espécies como o Mico-Leão-Dourado. Entre outras finalidades ele é capturado para servir de enfeite nas casas ricas do Brasil e da Europa. Mas o que está acabando com ele, é a destruição da Mata-Atlântica.

"A Primatologia é fascinante! Vocês também vão se empolgar". Foi assim que o professor Milton Thiago de Mello, do Instituto de Ciências Biológicas, recebeu a reportagem do Campus. Nele foi fácil perceber a fascinação pelos estudos que desenvolve e a satisfação por ter sido procurado pelo jornal. Reunidos seus principais colaboradores, professora Dóris dos Santos Farias, do Departamento de Biologia Animal e a professora Maria Angela Guimarães, do Departamento de Psicologia, o grupo começou então a falar dos nossos companheiros primatas, os macacos, de sua utilização em experiências científicas e da importância dos estudos até aqui desenvolvidos no projeto do qual Milton Thiago é coordenador.

O programa, resultou da necessidade de se ter bons animais para a pesquisa biomédica. Mico Estrela, bugio ou Roncador, e o Macaco Prego são os principais. Uma preocupação paralela foi a conservação dessas espécies, colocadas em perigo com o contrabando realizado pelos caçadores e a venda indiscriminadas aos usuários comuns.

No centro ecológico de Água Limpa onde o projeto é desenvolvido com mais intensidade, os trabalhos são realizados com muita dedicação, sempre acompanhados de perto pela professora Dóris. Os seus objetivos principais são o estudo autoecológico, a criação experimental, reintrodução do animal no meio ambiente e o treinamento de pessoal especializado para acompanhamento dos pequenos primatas. Inicialmente, a partir de 1975, a criação dos animais foi feita no Biotério da UnB, desativado entretanto algum tempo depois.

### MÉTODO

O método de estudo aplicado pela professora Dóris Farias em Água Limpa exige uma dedicação permanente e um esforço contínuo. "Tudo começa com os trabalhos de campo, diz ela. A mata de Capetinga, nas proximidades, foi a escolhida para um estudo a longo prazo. Este local foi dividido em três extratos de acordo com o nível de depredação. O pedaço da mata perto de Vargem Bonita I por ser o mais depredado, foi escolhido para a primeira etapa do projeto de outubro de 82 a janeiro de 83.

Atualmente os trabalhos alcançam a sua segunda etapa numa área de depredação em nível médio, onde

são detectados quantos grupos de animais existem, a sua composição, a melhor localização, abertura de trilhas e captura dos macacos para indicação de sexo e faixas etárias, além de observação do animal e registro com a utilização de binóculos, filmadoras e gravadores. Numa terceira etapa em área completamente preservada, pretende-se estudar a biologia e comportamento da espécie, comparando-se num mesmo espaço de mata três habitats com nível de degradação diferentes.

Segundo a professora Dóris, já foram colhidos em cativeiro dados importantes sobre a espécie. Um exemplo é a reprodução desses primatas. Sabe-se que ela ocorre duas vezes por ano e que o pai é quem tem os cuidados maiores com os filhotes. Aliás, diz a pesquisadora, a maioria dos dados colhidos foi obtida junto a um casal com filhotes, ou seja, grupos com três membros somente.

### COMUNICAÇÃO

Um outro aspecto muito importante em relação a esses primatas de acordo com a pesquisa é a comunicação social da espécie. A professora Maria Angela do Departamento de Psicologia e estudiosa no assunto diz que "a capacidade de percepção de estímulos tem muito a ver com a sobrevivência dos indivíduos e o que interessa é analisar a questão de um modo genérico".

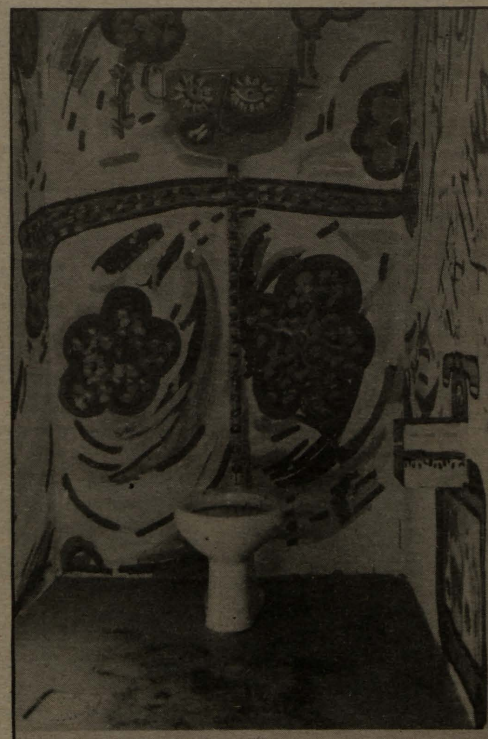
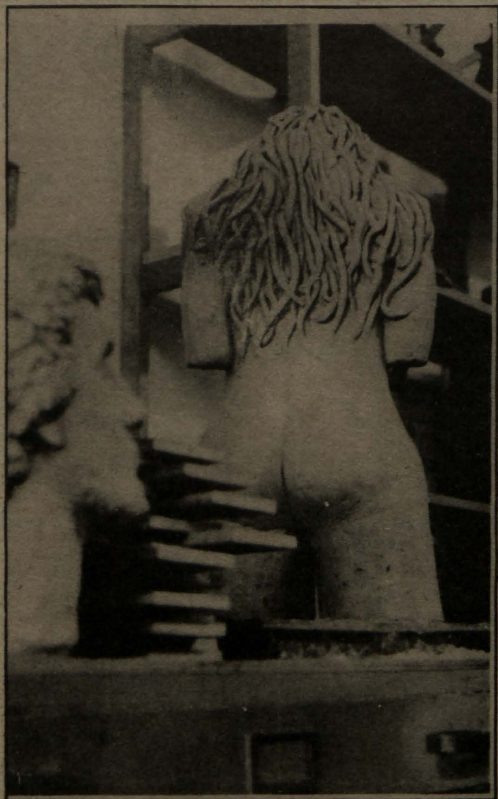
Para a professora existem até agora três conclusões importantes sobre o assunto. A primeira é que a comunicação social entre os primatas depende do meio. A segunda é que o sistema de comunicação desses animais é muito sofisticados e que ainda não se tem uma idéia exata dessa sofisticação.

Desvendar isso, acrescenta Maria Angela, nos diria muito do fenômeno básico da comunicação. A terceira e última é também uma indagação que fica no ar sobre a relação entre a capacidade biológica do organismo para processar vários tipos de energia (como luz, som) e a sua utilização para formas diferentes de comunicação. De acordo ainda com observações da professora Maria Angela os recursos mais usados pelos macacos, como meios de comunicação social são os não verbais à longa distância; os visuais através da cor do pelo, por vezes muito variada; e os químicos, como é o caso do cheiro... (Luiz Roberto).

# Um canto para a arte



A arte descobre, revela, subverte. Reanima, remoja, aproxima. Une, desune. Descola uma grana. Deixa a gente baçana. É um privilégio de poucos. É um prazer te ver. O preço do ingresso anda caro. O mundo artístico diminuído. Fica prá depois da crise. Os objetos de arte cada dia mais valorizados. Tinha uma carreira brilhante, hoje é burocrata no Ministério da Desburocratização. A arte anda cada dia menos arte. Arte de viver. Viver da arte. Tudo isso faz parte do mesmo processo. Fazendo um retrocesso. Da arte das cavernas aos grafites dos muros. Rompendo barreiras impostas. Estando do lado dos oprimidos. Estando na casa dos opressores. A arte política. A arte da política. A política da arte. Não existe a arte. Só há arte na sua autenticidade. Tinha uma idade onde a arte não era isolada da vida. Dúvidas e questões artisticamente resolvidas. Vai aí um pouco de arte? Questionarte? A verdadeira é erudita ou popular? Tira ou traz dúvidas? Tem começo e meio? E no fim? Espacial, temporal, promocional? Fazer arte é comunicar uma parte escondida dentro da gente. Hoje a arte é um reflexo da vida. Ou a vida um reflexo da arte? Um espetáculo de arte. Uma obra de arte. Vários apartes. Exposição de arte. Fundação de arte. Vamos salvar a arte. Campanhas de arte. Expulsamos a arte da nossa vida. Assim como a vida das nossas dúvidas. Grandes nomes da arte. Pequenas obras de arte. Na UnB tem um canto prá arte. E a arte por sua vez revela o desconhecido que por sua vez se transforma em símbolos que se incorporam a um conjunto de outros símbolos que por sua vez indefinidamente se transformam e são transformados fazendo cultura e sendo percebidos comum-mente. Por aí caminha um pouco de arte. O outro pouco fica sem rótulos nem os benefícios. Muito prazer.



Texto e Fotos de  
Pedro Sérgio Coe